

An illustration of a group of women holding hands in a circle, viewed from above. The women are depicted with various skin tones (brown, tan, pink, white) and hairstyles (buns, short hair). They are wearing colorful clothing: purple, white, yellow, and orange. The background is a solid light beige color. The text is centered within the circle formed by the women's hands.

CASA HELENAS

ABRIGO E CENTRO DE
APOIO A MULHERES EM
SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA
DOMÉSTICA

CASA HELENAS

Centro de Apoio à Mulheres em Situação de
Violência Doméstica no Centro Urbano do Rio
de Janeiro



DAU
Departamento de
Arquitetura e Urbanismo

Aluna: **Cecília Carlier**
Orientador: **Cândido Campos**

ARQ1109 | Proposta de Projeto Final
Laboratório de Práticas Sócio-espaciais, Territórios e Insurgências Prof(a).: Amaro
Marques e Maíra M. Martins

DAU | Departamento de Arquitetura e Urbanismo
PUC - Rio | 2026.1

“A vida começa

Maria da Penha Maia Fernandes
sobrevivente, símbolo da Lei 11.340/2006

***quando a
violência acaba. ”***

Maria da Penha Maia Fernandes
sobrevivente, símbolo da Lei 11.340/2006

Resumo

O presente trabalho propõe o projeto de um abrigo e centro de acolhimento para mulheres em situação de violência doméstica, localizado na Rua Visconde do Rio Branco, no Centro do Rio de Janeiro. A escolha do terreno considera sua proximidade com equipamentos de apoio à mulher, como o DEAM e o CIAM, além da oferta de transporte público, serviços e equipamentos urbanos que permitem às moradoras manter sua rotina com autonomia. Diferente do modelo tradicional de abrigo sigiloso e temporário, a proposta oferece permanência aberta e fachada visível, partindo do entendimento de que proteção e liberdade não são opostos. O programa inclui espaços residenciais, atendimento à saúde, apoio jurídico, suporte psicológico e áreas coletivas de convivência, organizados de forma a promover vínculos, pertencimento e reconstrução da vida cotidiana. O projeto busca demonstrar como a arquitetura pode ser instrumento ativo de acolhimento, segurança e reinserção social.

Palavras-chave: violência doméstica, abrigo, acolhimento, autonomia feminina, arquitetura social, permanência aberta, vulnerabilidade, cidade e gênero, centro do Rio de Janeiro e casa-abrigo

Sumário

1. INTRODUÇÃO	07	7. O LUGAR	35
2. TEMA E OBJETIVO	09	7.1. Estudo do entorno	
3. MOTIVAÇÃO	11	7.2. Aproximação do terreno	
4. AS MULHERES	13	8. REFERÊNCIAS PROJETUAIS	53
4.1. Violência contra a mulher no Brasil		8.1. Casa da Mulher Brasileira	
4.2. O recorte do Rio de Janeiro		8.2. Projetos analisados	
4.3. O déficit do acolhimento		9. O LAR QUE PROPOMOS	61
5. METODOLOGIA	27	9.1. Princípios projetuais	
6. A CIDADE E O CORPO FEMININO	29	9.2. Programa	
6.1. Referencial teórico		10. CRONOGRAMA DE TRABALHO	67
6.2. Laboratório de Práticas Sócio-espaciais, territórios e Insurgências		11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69

Introdução

"Nós, mulheres, não estamos seguras em nenhum lugar, mas principalmente em nossas casas. É lá onde estamos mais vulneráveis."

Fórum Brasileiro de Segurança Pública, **Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil**, 4ª ed., 2023

A violência doméstica contra a mulher é um dos problemas mais persistentes e estruturais da sociedade brasileira. Presente em todas as classes sociais, faixas etárias e regiões do país, ela se manifesta dentro do espaço que deveria ser o mais seguro para qualquer pessoa: o lar. Os números são expressivos e crescentes, mas mais do que estatísticas, traduzem histórias de mulheres que precisam deixar suas casas para sobreviver e que, ao fazê-lo, muitas vezes se deparam com uma rede de acolhimento insuficiente, fragmentada e despreparada para recebê-las.

O modelo tradicional de abrigamento no Brasil, marcado pelo sigilo, pela temporalidade rígida e pelo isolamento, responde a uma parcela importante dessa demanda, mas carrega limitações que comprometem a autonomia e a reinserção social das mulheres atendidas. Ao priorizar a proteção física em detrimento da liberdade, esses espaços frequentemente reproduzem uma lógica de confinamento que dificulta a reconstrução da vida cotidiana.

É nessa lacuna que este projeto se insere. A proposta não parte do sigilo nem do confinamento, mas da presença, da visibilidade e da integração urbana como estratégias de proteção e acolhimento. Entende que uma mulher protegida não é necessariamente uma mulher isolada, e que a arquitetura tem papel ativo na construção de espaços que devolvam a ela o sentido de lar, de pertencimento e de autonomia sobre a própria vida.

Tema e Objetivo

O Tema

O tema central desta pesquisa é o desenvolvimento de um abrigo e centro de acolhimento para mulheres em situação de violência doméstica e vulnerabilidade. A escolha parte do entendimento de que a violência contra a mulher no Brasil é um fenômeno estrutural, sustentado por uma cultura historicamente machista e patriarcal, que naturalizou relações de poder desiguais entre homens e mulheres.

A questão que orienta o desenvolvimento do projeto é: como a arquitetura pode conformar um espaço de acolhimento capaz de garantir segurança e proteção sem recorrer ao sigilo, ao isolamento e à temporariedade que caracterizam o modelo tradicional de abrigamento no Brasil?

Objetivos Centrais

Este trabalho tem como objetivo desenvolver uma proposta arquitetônica de **abrigo de permanência aberta para mulheres em situação de violência doméstica**, integrada à dinâmica urbana do Centro do Rio de Janeiro, capaz de oferecer segurança, autonomia e condições para a reconstrução da vida cotidiana.

Para isso, busca compreender o panorama da violência doméstica no Brasil e no Rio de Janeiro, analisar o terreno e seu entorno, estudar referências projetuais nacionais voltadas ao acolhimento de mulheres e definir um programa de necessidades e diretrizes projetuais que articulem proteção, visibilidade e pertencimento urbano.

Motivação

"O meu texto é um lugar onde as mulheres se sentem em casa, se sentem reconhecidas de verdade."

Conceição Evaristo, entrevista à **Mulheres que Escrevem**, Medium, dezembro de 2017

Desde cedo, a observação do cotidiano revelou que ocupar espaço não é um direito igualmente distribuído. Situações aparentemente banais carregam, na sua repetição, algo muito maior: a ideia de que o espaço, o poder e a voz pertencem prioritariamente aos homens, e às mulheres cabe negociar o que sobra.

Essa percepção foi se aprofundando ao longo dos anos e consolidando o entendimento de que o feminismo não é uma pauta abstrata, mas uma necessidade concreta que atravessa o cotidiano de todas as mulheres, independente de quem sejam ou de como se reconheçam. E que a violência contra a mulher é uma das expressões mais graves e persistentes dessa desigualdade estrutural.

Ao escolher o tema deste trabalho de conclusão de curso, havia clareza de que ele deveria servir de alguma forma. A pesquisa sobre os abrigos existentes no Brasil revelou que eles existem, mas muitas vezes são precários, temporários e fechados sobre si mesmos. A mulher que precisa deixar sua casa não busca apenas um teto provisório. Ela busca um lar, paz, segurança e pertencimento. Um lugar onde possa recomeçar sem medo.

Este projeto nasceu do entendimento de que a arquitetura pode e deve ser um ato de cuidado, e de que uma mulher que precisa recomeçar merece um espaço à altura disso.

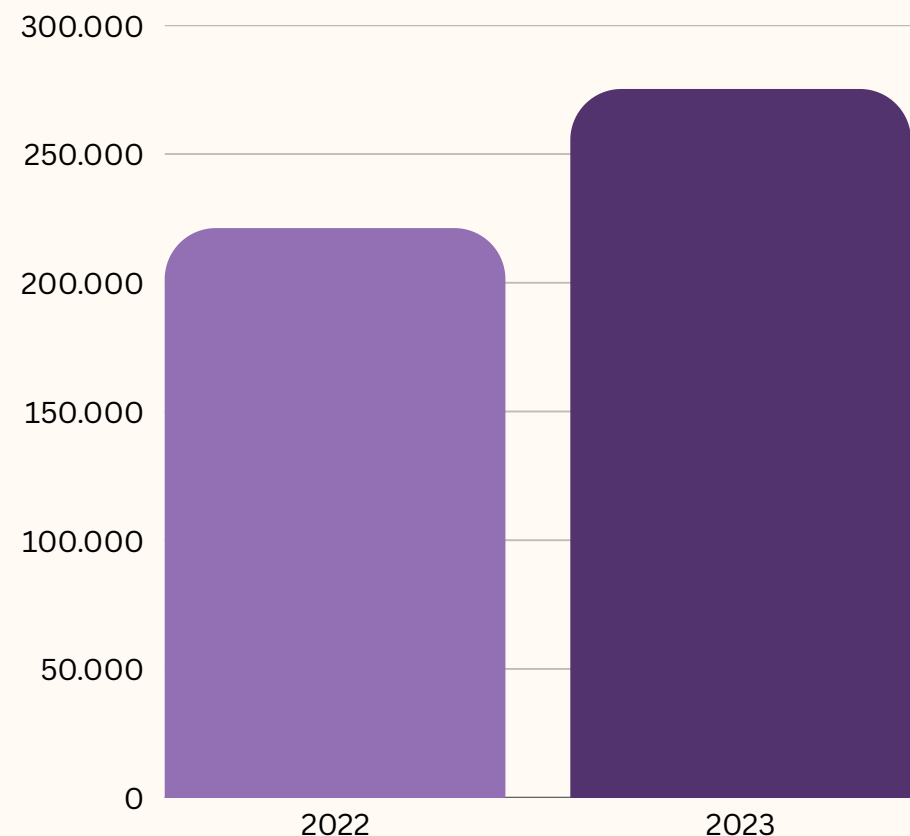
As Mulheres

Violência contra a mulher no Brasil

Os avanços legislativos conquistados nas últimas décadas, como a Lei Maria da Penha e a tipificação do feminicídio, representam marcos importantes na luta contra a violência de gênero. Ainda assim, os índices de violência seguem alarmantes no país.

Em 2023, o Sistema de Notificação de Agravos do Ministério da Saúde registrou 275.275 casos de violência contra mulheres, um crescimento de 24,4% em relação ao ano anterior. Desse total, 177.086 ocorrências foram classificadas como violência doméstica e intrafamiliar, o equivalente a 64,3% dos casos. O dado evidencia que, para muitas mulheres, o lar, e não a rua, segue sendo o principal espaço de risco.

Crescimento dos casos notificados de violência doméstica

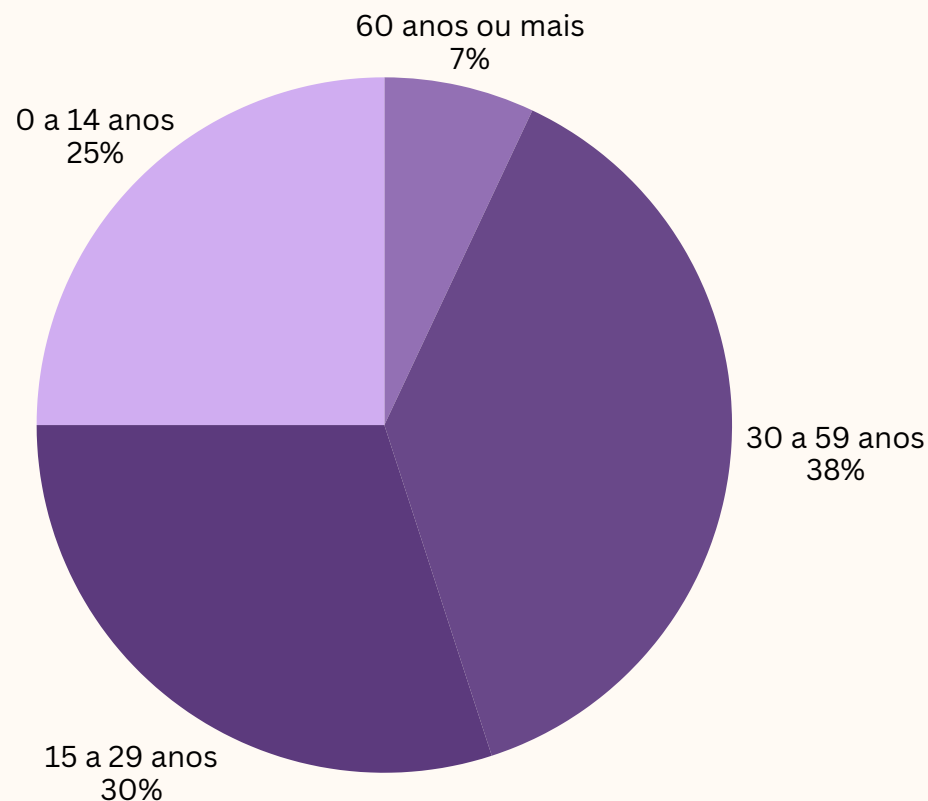


Fonte: Sinan/Ministério da Saúde, apud: Atlas da Violência 2025 (IPEA/FBSP)

Violência contra a mulher no Brasil

A análise por faixa etária evidencia o caráter abrangente da violência de gênero, que afeta mulheres em todas as etapas da vida.

Distribuição de vítimas de violência doméstica por faixa etária



Fonte: Sinan/Ministério da Saúde, apud: Atlas da Violência 2025 (IPEA/FBSP)

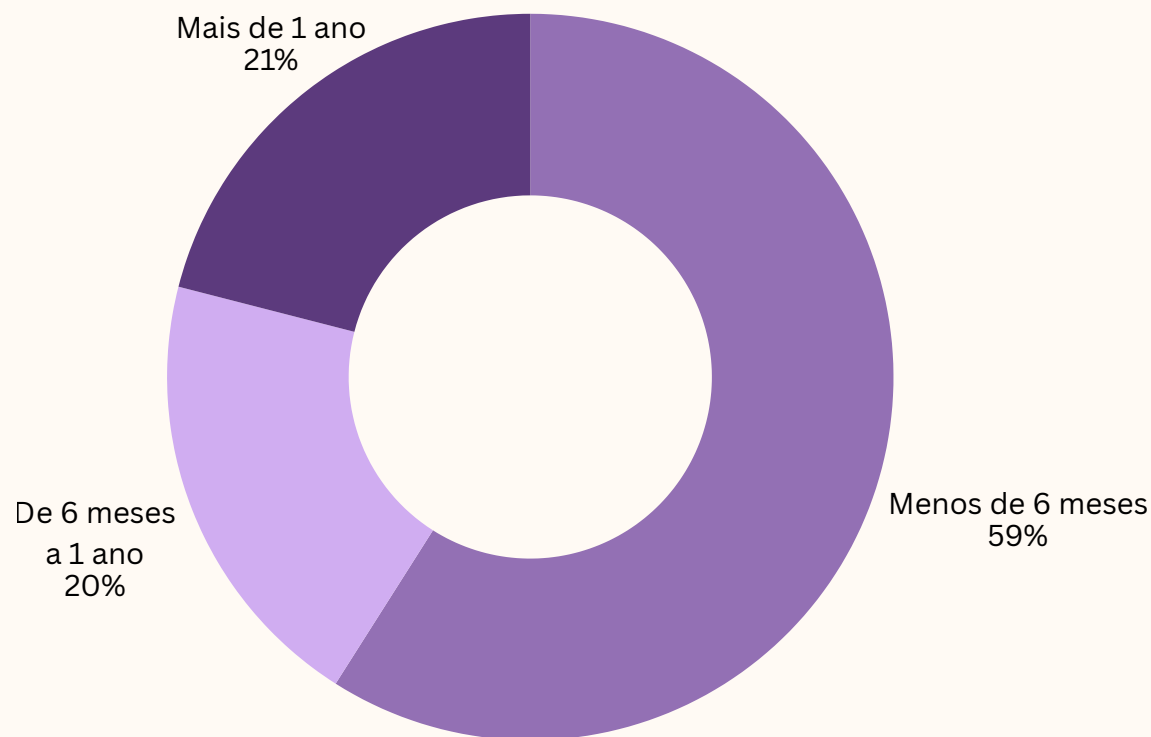
Cerca de uma em cada quatro vítimas tinha entre 0 e 14 anos, revelando a exposição precoce de meninas e adolescentes à violência. Apesar da maior incidência ocorrer entre mulheres de 30 a 59 anos, os dados mostram que nenhuma faixa etária está imune a esse fenômeno, que acompanha muitas mulheres da infância à velhice.

Violência contra a mulher no Brasil

A recorrência da violência é outro aspecto que merece atenção. Segundo a Pesquisa Nacional DataSenado 2025, 3,7 milhões de brasileiras sofreram algum tipo de violência doméstica ou familiar naquele ano. Entre as vítimas, quase 60% relataram que as agressões ocorriam há menos de seis meses, enquanto 21% conviviam com episódios de violência há mais de um ano. Em 71% dos casos, havia crianças presentes durante as agressões.

Os dados evidenciam que a violência contra a mulher raramente se configura como um episódio isolado; trata-se de um ciclo contínuo que tende a se repetir e se agravar ao longo do tempo, afetando não apenas as vítimas diretas, mas também aqueles que compartilham seu ambiente familiar.

Recorrência das agressões



Fonte: Pesquisa Nacional DataSenado 2025

O recorte do Rio de Janeiro

O Rio de Janeiro acompanha, e em alguns aspectos supera, a gravidade do cenário nacional. Segundo a 20ª edição do Dossiê Mulher, elaborado pelo Instituto de Segurança Pública do Estado (ISP-RJ), em 2024 mais de 154 mil mulheres foram vítimas de alguma modalidade de violência no estado, o que equivale a 421 vítimas por dia ou 18 por hora.

Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro (ISP-RJ). Dossiê Mulher 2024, 20ª edição. Rio de Janeiro: ISP, 2024.

Dados mais recentes do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro confirmam que esse cenário não dá sinais de desaceleração. Somente entre janeiro e novembro de 2025, o estado registrou 71 mil novos casos de violência doméstica, segundo o Observatório Judicial de Violência contra a Mulher. Já em 2026, entre 1º de janeiro e 6 de março, o TJRJ concedeu 7.556 medidas protetivas de urgência, o equivalente a cerca de 116 mulheres por dia recorrendo à Justiça em busca de proteção.

Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Observatório Judicial de Violência contra a Mulher, dez. 2025 e mar. 2026.

A violência de gênero está ligada a fatores estruturais da sociedade, funcionando como uma forma de reforçar uma lógica de subordinação que ultrapassa o caso individual e atinge todas as mulheres.

421

Mulheres foram
vítimas da violência
doméstica, por dia,
no Rio de Janeiro,
em 2024.



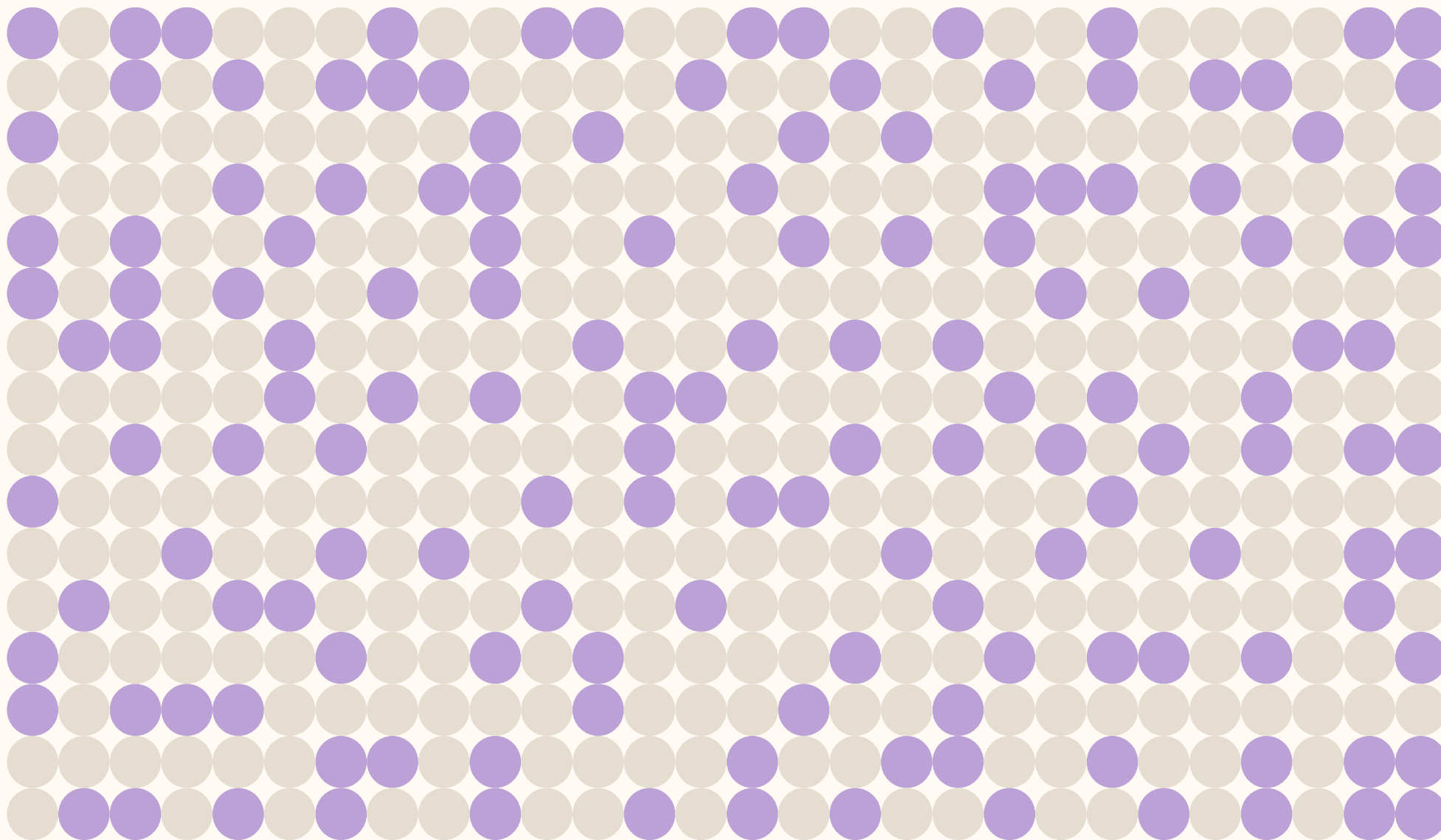
O recorte do Rio de Janeiro

O crime mais registrado foi a violência psicológica, com 153 vítimas por dia, totalizando mais de 56 mil denúncias ao longo de 2024. Esse dado revela uma camada frequentemente invisível da violência doméstica: a que não deixa marca no corpo, mas que corrói a identidade, a autonomia e a saúde mental das mulheres ao longo do tempo. No que diz respeito aos crimes mais graves, o estado registrou 107 feminicídios em 2024, sendo que 76% de todos os assassinatos de mulheres no RJ ocorreram em contexto de violência de gênero. Ao menos 69 dessas mulheres perderam a vida dentro da própria casa.

Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro (ISP-RJ). Dossiê Mulher 2024, 20ª edição. Rio de Janeiro: ISP, 2024.

Mais de 2,5 milhões de mulheres no estado do Rio de Janeiro já sofreram violência doméstica ou familiar ao longo da vida, o equivalente a 1 a cada 3 mulheres fluminenses. Mais do que estatísticas, esses números revelam uma realidade cotidiana marcada pelo medo, pela vulnerabilidade e pela insuficiência de espaços de proteção. Diante desse cenário, pensar a cidade sob a perspectiva das mulheres deixa de ser apenas uma questão de planejamento urbano e passa a ser uma necessidade urgente de acolhimento, segurança e garantia de direitos.

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Mapa da Mulher Carioca, 5ª edição. Rio de Janeiro: SPM-Rio, 2026.



1 a cada 3 Mulheres já foi vítima da violência doméstica durante a vida, no Rio de Janeiro

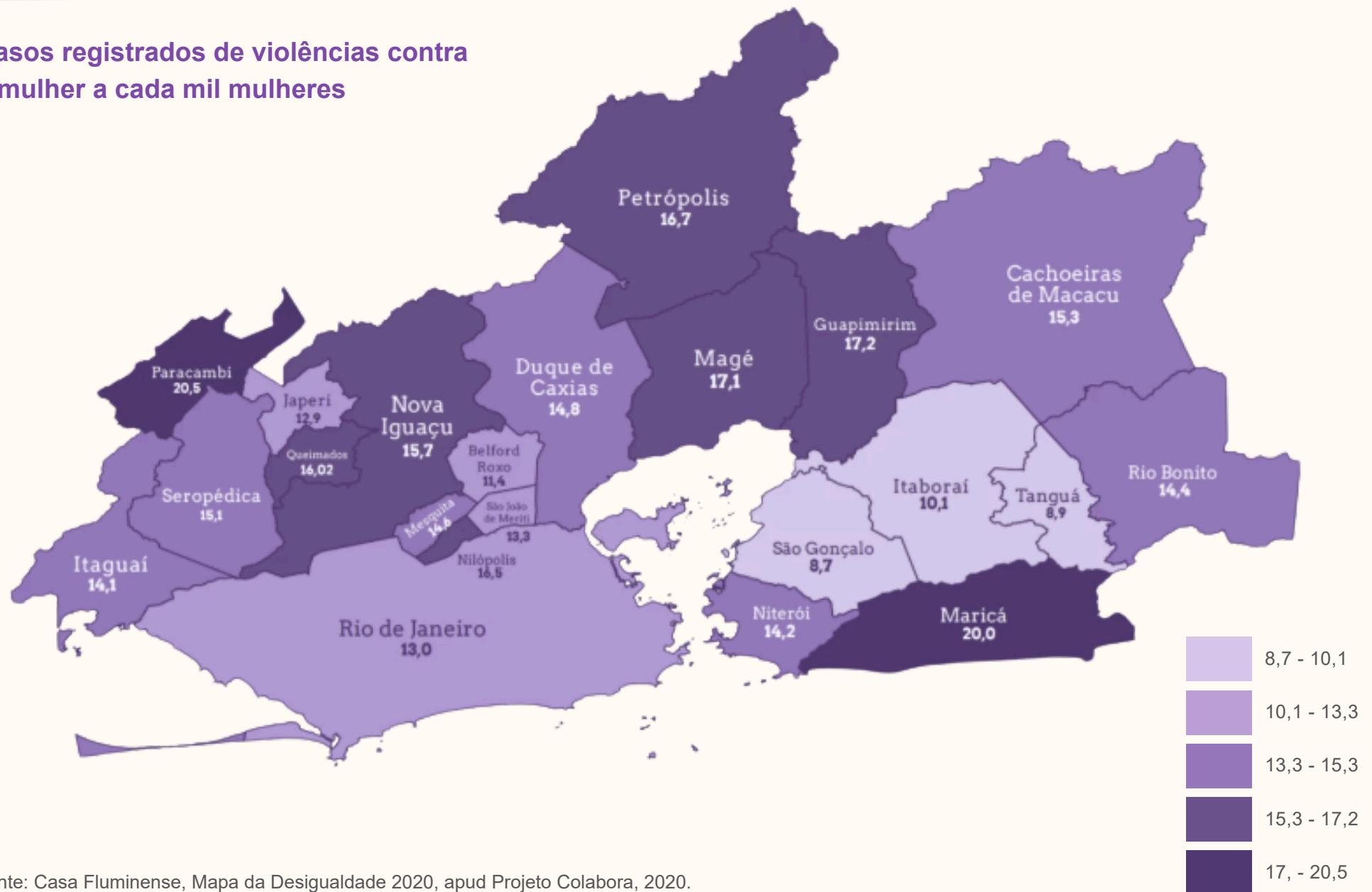
O recorte do Rio de Janeiro

Mais do que um número único, a violência contra a mulher no Rio de Janeiro se distribui de forma desigual pelo território. O Mapa da Desigualdade, elaborado pela Casa Fluminense em 2020, revela que a taxa de casos registrados varia significativamente entre os municípios da Região Metropolitana, indo de 8,7 casos por mil mulheres em São Gonçalo a 20,5 em Paracambi, evidenciando que o risco ao qual uma mulher está exposta também depende de onde ela mora.

Esse cenário se agrava diante de uma constatação preocupante: dos 22 municípios que compõem a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, apenas 7 possuem delegacias especializadas em atendimento à mulher. Isso significa que, para a maior parte das mulheres da região, buscar ajuda formal exige, antes de tudo, percorrer distâncias que muitas vezes não estão ao alcance de quem vive em situação de vulnerabilidade.

O recorte do Rio de Janeiro

Casos registrados de violências contra a mulher a cada mil mulheres



Fonte: Casa Fluminense, Mapa da Desigualdade 2020, apud Projeto Colabora, 2020.

O déficit do acolhimento

Diante da magnitude dos números apresentados, surge uma pergunta inevitável:

Para onde vão as mulheres que conseguem romper o ciclo de violência?

Segundo o IBGE, em 2018, apenas 2,4% dos municípios brasileiros contavam com casas-abrigo de gestão municipal para mulheres em situação de violência, percentual que já vinha em queda desde 2013. Na esfera estadual, existiam apenas 43 casas-abrigo em todo o país, concentradas principalmente nas regiões Sul e Sudeste, revelando a fragilidade da rede de acolhimento em escala nacional.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Perfil dos Municípios Brasileiros (Munic) 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

No Rio de Janeiro, a principal referência de abrigamento é a Casa Abrigo Lar da Mulher, que oferece 60 vagas para mulheres e crianças. Diante de um estado que registra mais de 150 mil vítimas de violência por ano, essa capacidade evidencia uma defasagem expressiva entre a demanda real e a oferta de acolhimento. Além da insuficiência numérica, o modelo tradicional de abrigo, geralmente sigiloso, temporário e voltado a casos de risco iminente, não contempla muitas mulheres em situação de vulnerabilidade que, embora não estejam sob ameaça imediata de morte, também precisam de proteção, suporte e possibilidade de recomeço.

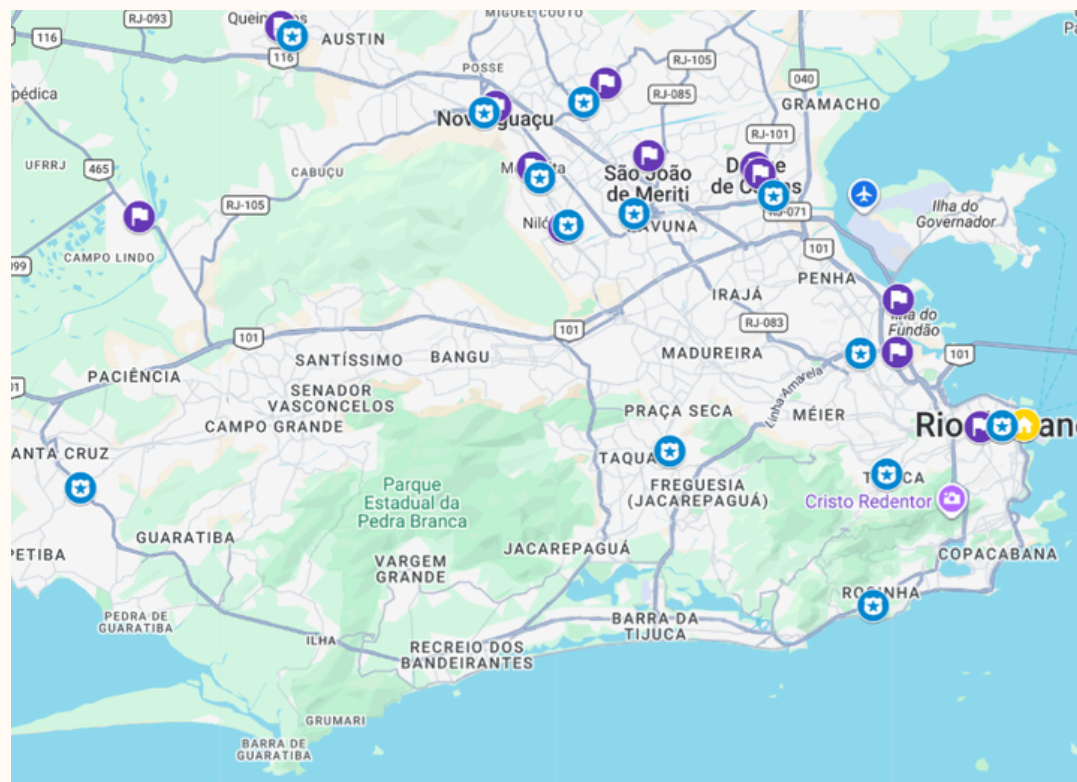
Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Casa Abrigo Lar da Mulher, Rio de Janeiro

O déficit do acolhimento

Outro dado reforça essa fragilidade: até 2025, o Rio de Janeiro ainda não contava com uma unidade da Casa da Mulher Brasileira, política federal criada para reunir, em um só local, serviços como delegacia especializada, defensoria pública, atendimento psicossocial e abrigo provisório.

A primeira unidade do estado, instalada em São Cristóvão, foi inaugurada apenas recentemente, mais de dez anos após o lançamento nacional do programa. É nessa lacuna entre demanda, acesso e acolhimento que este projeto se insere, propondo uma alternativa complementar à rede existente e voltada às mulheres que hoje não encontram lugar nas estruturas disponíveis.

Agência Brasil. Rio de Janeiro terá primeira Casa da Mulher Brasileira do Estado. Brasília: EBC, 2025.



Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher



Casas Abrigo e Casas de Acolhimento Provisório



Centros de Referência (ou Atendimento) à Mulher em situação de violência doméstica

O déficit do acolhimento

A distribuição da rede especializada de atendimento à mulher no Rio de Janeiro evidencia uma desigualdade territorial expressiva. Em todo o estado, são apenas 14 Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAMs) e 46 unidades de Centros Especializados, Integrados ou de Referência de Atendimento à Mulher (CEAM, CIAM, CRAM e NEAM), somando os 92 municípios fluminenses.

A concentração desses equipamentos segue, em linhas gerais, a lógica da densidade populacional e da centralidade econômica do estado: a capital, a Baixada Fluminense e a Região Metropolitana abrigam o maior número de unidades, com destaque para o município do Rio de Janeiro, que conta com 3 DEAMs e 8 centros especializados, e Duque de Caxias, com 2 CEAMs e 1 DEAM.

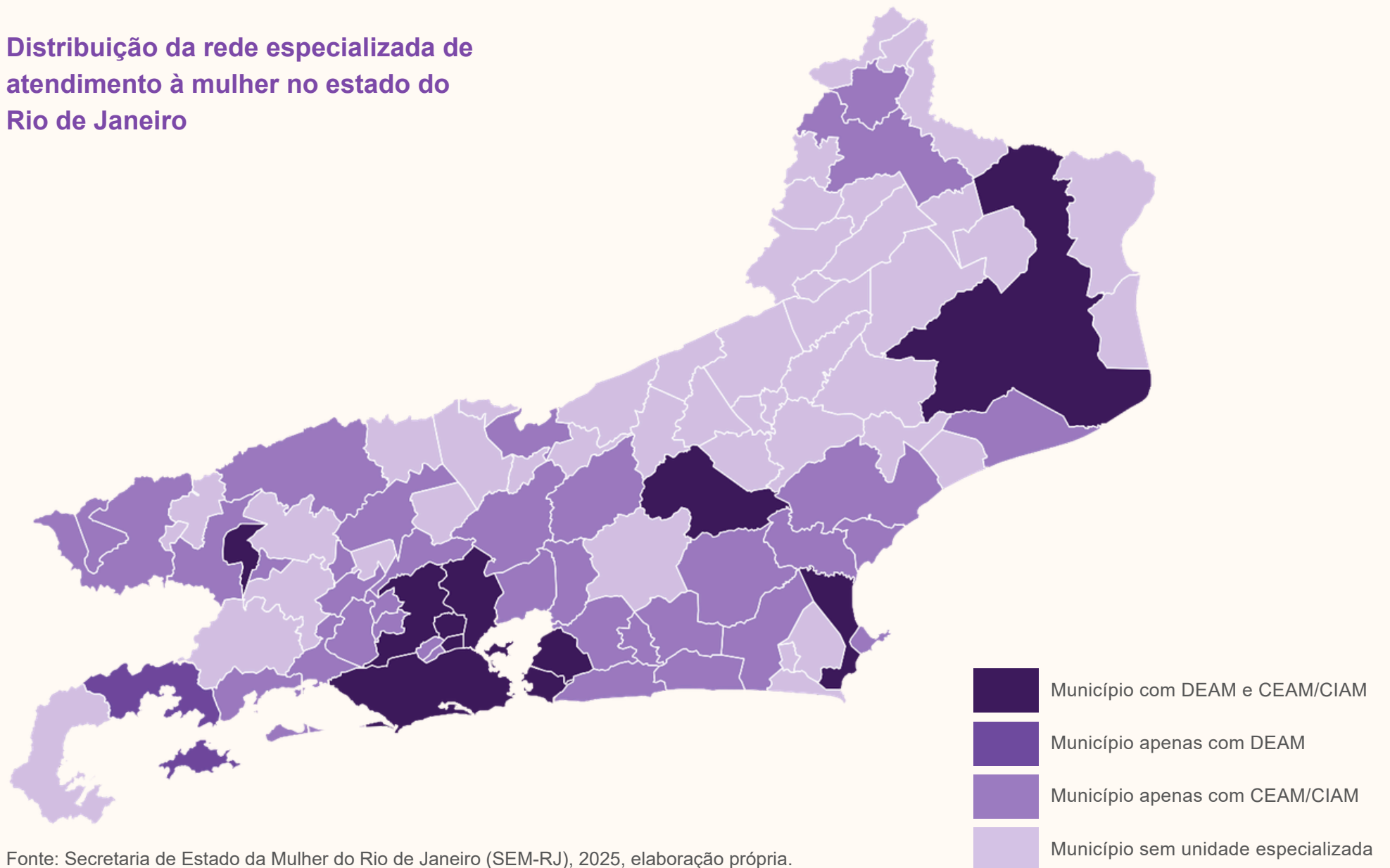
Por outro lado, aproximadamente metade dos municípios do estado, a maioria localizada nas regiões mais afastadas da capital, como o Norte e o Noroeste Fluminense, não possui nenhuma unidade especializada de atendimento à mulher. Isso significa que, para essas mulheres, buscar ajuda formal implica necessariamente se deslocar para outro município, muitas vezes a dezenas de quilômetros de distância de onde vivem.

Esse desequilíbrio se torna ainda mais grave quando se observa o topo da pirâmide de proteção: do conjunto de 60 unidades especializadas espalhadas pelo estado, apenas uma única casa-abrigo sigilosa está em funcionamento em todo o Rio de Janeiro. Ou seja, mesmo as mulheres que conseguem acessar uma DEAM ou um CEAM em seu município, e que precisam de um espaço seguro para morar enquanto reconstroem suas vidas, dependem de uma única unidade para todo o estado.

Secretaria de Estado da Mulher do Rio de Janeiro (SEM-RJ). Unidades Especializadas e Delegacias de Atendimento à Mulher RJ, 2025.

O déficit do acolhimento

Distribuição da rede especializada de atendimento à mulher no estado do Rio de Janeiro



Fonte: Secretaria de Estado da Mulher do Rio de Janeiro (SEM-RJ), 2025, elaboração própria.

Metodologia

A pesquisa que fundamenta este trabalho articula três frentes complementares: levantamento bibliográfico e documental, pesquisa de campo e análise de referências projetuais.

O levantamento bibliográfico reúne dados oficiais sobre violência doméstica no Brasil e no Rio de Janeiro, provenientes de fontes como o Atlas da Violência (IPEA/FBSP), o Dossiê Mulher (ISP-RJ), o Mapa da Mulher Carioca e a Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher (DataSenado), além de referencial teórico sobre a relação entre mulher, cidade e espaço urbano, com destaque para as obras de Joice Berth e Angela Davis.

A pesquisa de campo incluiu visitas ao terreno em diferentes dias e horários, com o objetivo de compreender as dinâmicas locais e a relação entre as mulheres e o espaço urbano, observando como a configuração da cidade pode contribuir tanto para a sensação de segurança quanto para situações de vulnerabilidade. Além disso, foram realizados levantamento fotográfico, medições in loco e análise das dinâmicas urbanas presentes na área. Também foram realizadas visitas à DEAM Centro e ao CIAM Márcia Lyra, possibilitando a compreensão dos fluxos de atendimento, dos serviços oferecidos e dos principais desafios enfrentados por mulheres em situação de violência.

Por fim, a análise de referências projetuais concentrou-se no estudo de equipamentos de acolhimento à mulher, como a Casa da Mulher Brasileira e outras casas-abrigo, observando programas, setorizações e estratégias espaciais capazes de subsidiar as decisões projetuais deste trabalho.

A cidade e o corpo feminino

Referencial teórico

A cidade não é um espaço neutro. Suas ruas, edificações, sistemas de iluminação e dinâmicas de uso foram historicamente concebidos a partir de perspectivas que nem sempre contemplam as vivências femininas. Para muitas mulheres, circular pelo ambiente urbano significa avaliar trajetos, evitar determinados horários e conviver com uma constante sensação de alerta. Compreender essa relação desigual com a cidade é fundamental para entender por que a localização, a visibilidade e a forma de um abrigo são tão importantes quanto seu programa interno.

Em **Se a Cidade Fosse Nossa (2021)**, Joice Berth argumenta que as cidades brasileiras carregam heranças históricas de exclusão que influenciam a forma como diferentes grupos as ocupam e experienciam. Para a autora, o direito à cidade envolve não apenas circulação, mas também pertencimento, participação e reconhecimento. Ao imaginar uma cidade pensada a partir das vivências femininas, evidencia como o ambiente construído ainda reproduz desigualdades e inseguranças que limitam a autonomia das mulheres.

Essa reflexão dialoga com Angela Davis, que em **Mulheres, Cultura e Política (1990)** demonstra que as violências vividas pelas mulheres não são acontecimentos isolados, mas manifestações de estruturas sociais mais amplas. Sob essa perspectiva, a violência doméstica deixa de ser compreendida apenas como uma questão privada e passa a ser reconhecida como um problema coletivo, que demanda respostas institucionais, sociais e espaciais. Quando uma mulher não encontra lugares seguros para buscar ajuda, reconstruir vínculos ou recomeçar sua trajetória, a própria cidade passa a participar desse processo de exclusão.

Laboratório de Práticas Sócio-espaciais, Territórios e Insurgências

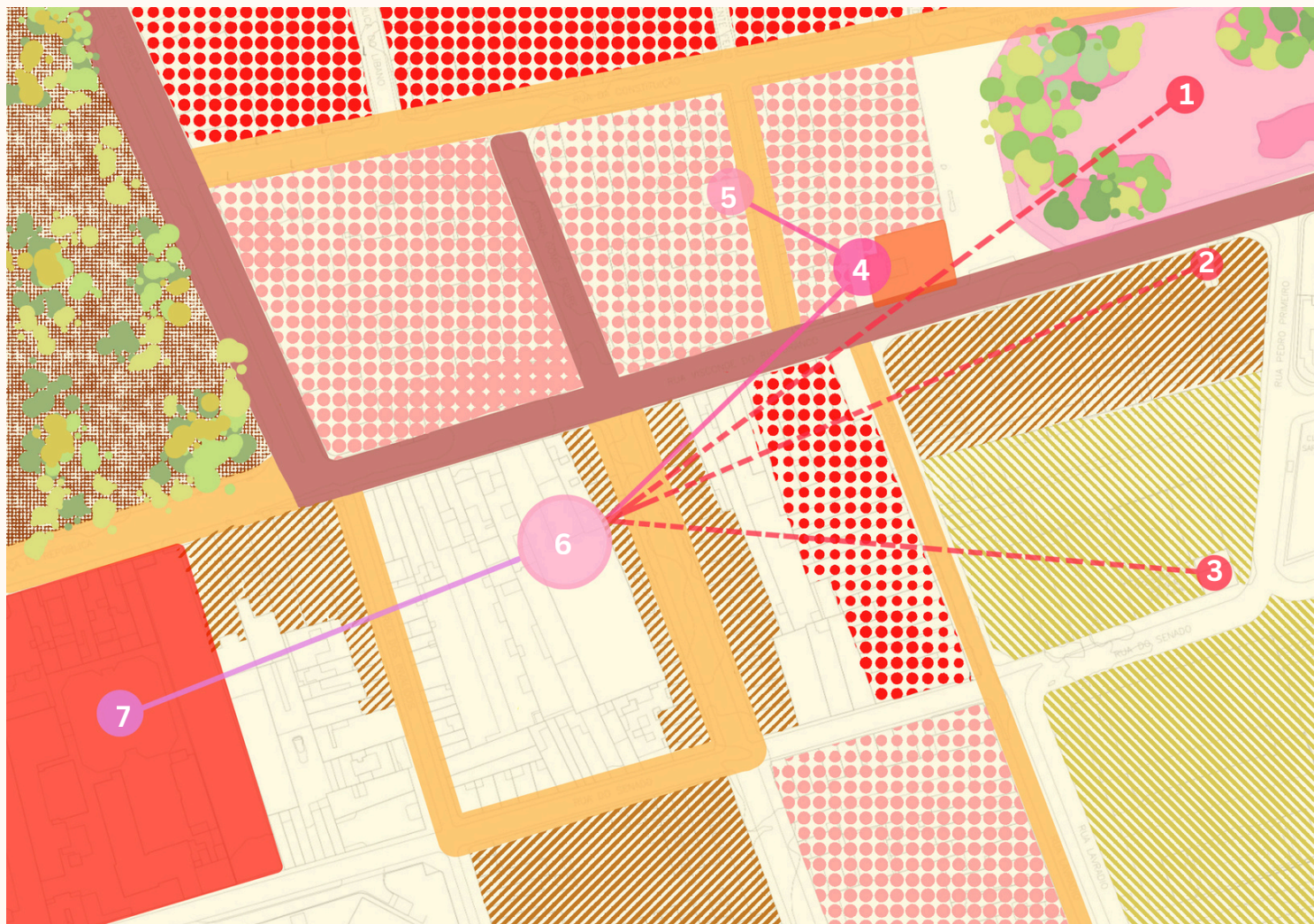
Os mapas a seguir foram produzidos no âmbito do Laboratório de Práticas Sócio-espaciais, Territórios e Insurgências, sob orientação dos professores Amaro Marques e Maíra M. Martins. O laboratório teve como ponto de partida a elaboração de mapas afetivos, exercício que busca registrar a relação entre o corpo, o afeto e o espaço vivido. A prática iniciou-se com um mapa afetivo do campus da própria faculdade, como forma de desenvolver a sensibilidade necessária para perceber camadas do espaço que normalmente passam despercebidas, antes de aplicar esse mesmo olhar ao recorte de área de cada projeto.

A partir desse exercício, foi desenvolvido um mapa afetivo do entorno do terreno deste projeto, a partir da experiência de uma mulher, eu mesma, ao caminhar, andar, correr e passear pelas proximidades. Foram elaborados dois registros: um referente a um momento diurno em dia de semana, e outro referente ao final do dia em um fim de semana, de modo a evidenciar as diferenças de movimento, vitalidade, presença de pessoas e sensação de segurança ou insegurança entre os dois cenários.

"Não é exatamente o mesmo sentimento de liberdade que está associado ao ato de dirigir que mais atrai mulheres. Para elas, dirigir é uma segurança. Está associado à menor percepção dos perigos de se caminhar a pé pelas cidades, já que qualquer trajeto se torna uma experiência opressora devido à possibilidade de assaltos com agressão física, estupros e assédios, violências verbais de toda espécie, entre outras manifestações da mentalidade machista que faz da experiência de mobilidade ativa algo muito desafiador para as mulheres."

BERTH, Joice. **Se a cidade fosse nossa**. São Paulo: Sirius, 2021. Cap. 3.

Mapa Diurno



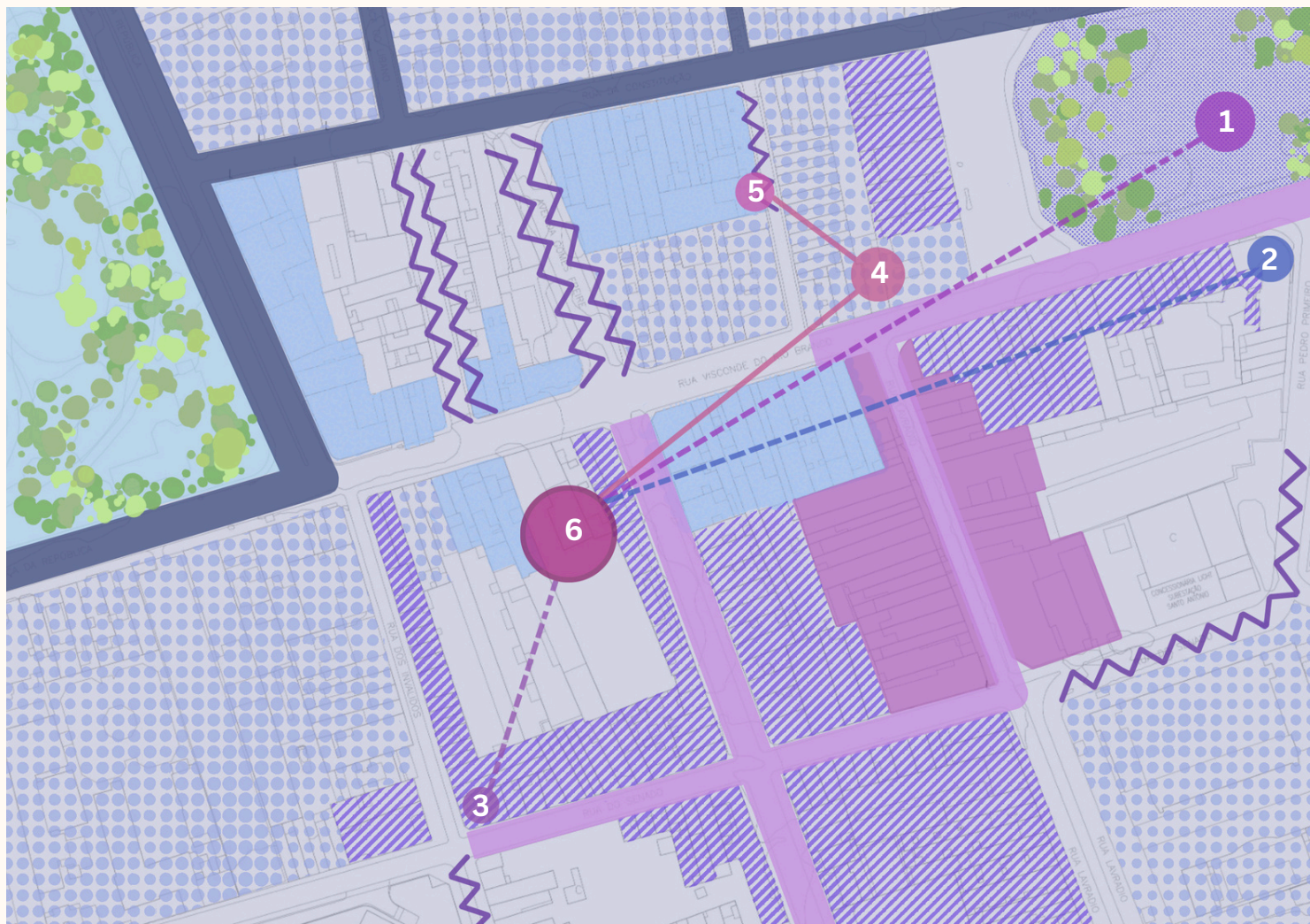
Legenda:

- Quartel Central Corpo dos Bombeiros
- Ruas com baixa movimentação de pedestres
- Ruas com grande movimentação de pedestres
- Praça Tiradentes - Eventos para mulheres
- Quarteirões com médio a baixo movimento
- Quarteirões com alta intensidade movimento
- Movimento comercial forte
- Movimento corporativo forte
- Praça da República - Ambiente inseguro e vazio
- SEBRAE - Centro de Artesanato Brasileiro (importância para as mulheres)

Durante o dia, o entorno apresenta intensa atividade comercial e corporativa, com restaurantes e praças movimentadas como a República e a Tiradentes. Essa presença constante de pessoas gera sensação de companhia, em contraste com trechos de grandes empenas cegas e ausência de pedestres, onde predomina a solidão.

- 1 Praça Tiradentes
- 2 Clínica Saúde da Mulher
- 3 Clínica de Ginecologia
- 4 DEAM - Delegacia de Atendimento à Mulher
- 5 CIAM - Centro Integrado de Atendimento à Mulher
- 6 Estacionamento EstaPark - Terreno de estudo TCC
- 7 Sala Lilás - CBMERJ

Mapa Noturno



Legenda:

- Acúmulo de armazéns fechados
- Ruas com baixa movimentação de pedestres
- Ruas com grande movimentação de pedestres
- Rua do Lavradio - Vida Nortuna forte (segurança)
- Quarteirões com baixo movimento noturno
- Alta concentração de bares e restaurantes
- Praça Tiradentes - eventos e movimentos noturnos
- Praça da República - Fechada a partir de 17h
- Espaço composto de empenas e portões (insegurança noturna)

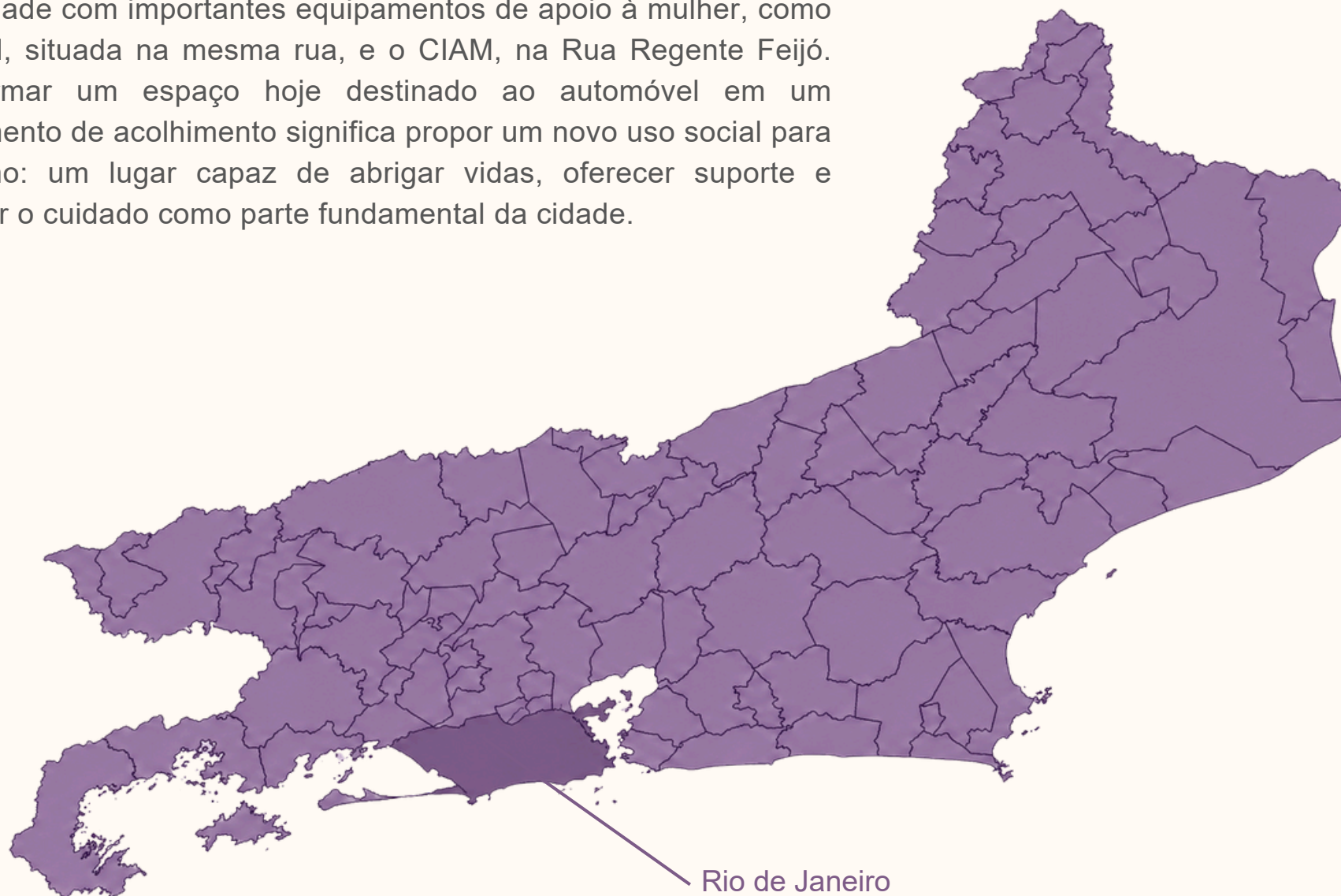
- 1 Praça Tiradentes
- 2 Teatro Municipal Carlos Gomes
- 3 Turma OK - Espaço LGBTQIA+
- 4 DEAM - Delegacia de Atendimento à Mulher
- 5 CIAM - Centro Integrado de Atendimento à Mulher
- 6 Estacionamento EstaPark - Terreno de estudo TCC

À noite, ruas como a do Lavradio ganham vida com bares, restaurantes e casas noturnas, incluindo espaços LGBT, criando uma atmosfera mais segura para uma mulher que circula sozinha. Essa vitalidade, porém, se concentra em trechos específicos, enquanto outras vias permanecem desertas, mal iluminadas e percebidas como inseguras.

O lugar

Rua Visconde do Rio Branco, 49 - Centro, Rio de Janeiro

O terreno proposto para este projeto está localizado na Rua Visconde do Rio Branco, nº 49, no Centro do Rio de Janeiro, região marcada por forte atividade comercial e corporativa durante o dia, além da proximidade com importantes equipamentos de apoio à mulher, como a DEAM, situada na mesma rua, e o CIAM, na Rua Regente Feijó. Transformar um espaço hoje destinado ao automóvel em um equipamento de acolhimento significa propor um novo uso social para o terreno: um lugar capaz de abrigar vidas, oferecer suporte e reafirmar o cuidado como parte fundamental da cidade.



Estudo do entorno



- | | |
|--|--|
| 1 Estacionamento TCPark (futuro abrigo Casa Helenas) | 5 Clínica saúde da mulher |
| 2 DEAM - Delegacia de Atendimento a Mulher | 6 Praça Tiradentes |
| 3 Centro Integrado de Atendimento à Mulher Márcia Lyra | 7 Praça da República - Campo de Santana |
| 4 Quartel Central do Corpo de Bombeiros (QCG) - Sala Lilás | 8 Espaço de Desenvolvimento Infantil Campos Salles |

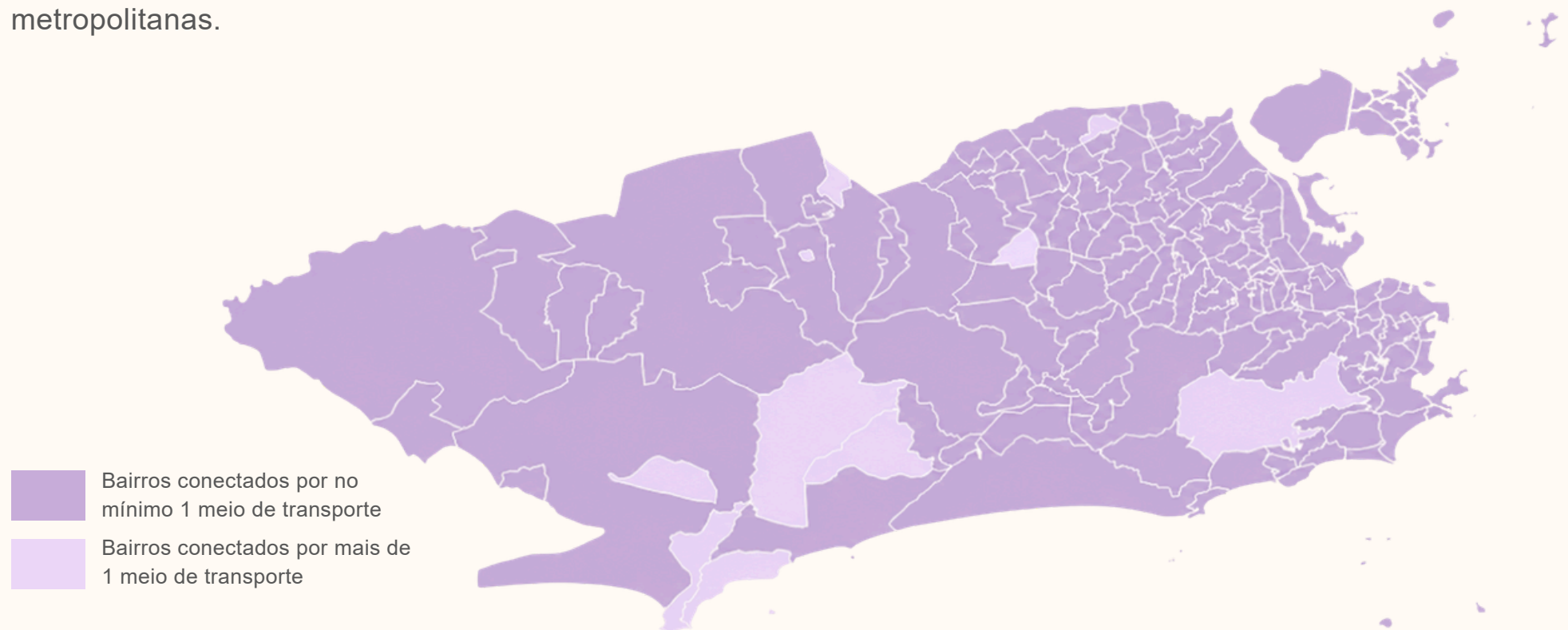
Estudo do entorno

O entorno imediato do terreno concentra uma série de equipamentos diretamente relacionados ao apoio à mulher em situação de violência, o que reforça a pertinência da localização escolhida para o projeto. A Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM) está situada na própria Rua Visconde do Rio Branco, nº 12, a poucos metros do terreno. O Centro Integrado de Atendimento à Mulher Márcia Lyra (CIAM) encontra-se na Rua Regente Feijó, nº 15, também nas imediações. A Sala Lilás do Corpo de Bombeiros, localizada na Praça da República, nº 41, completa esse conjunto de equipamentos especializados acessíveis a partir do terreno em poucos minutos a pé.



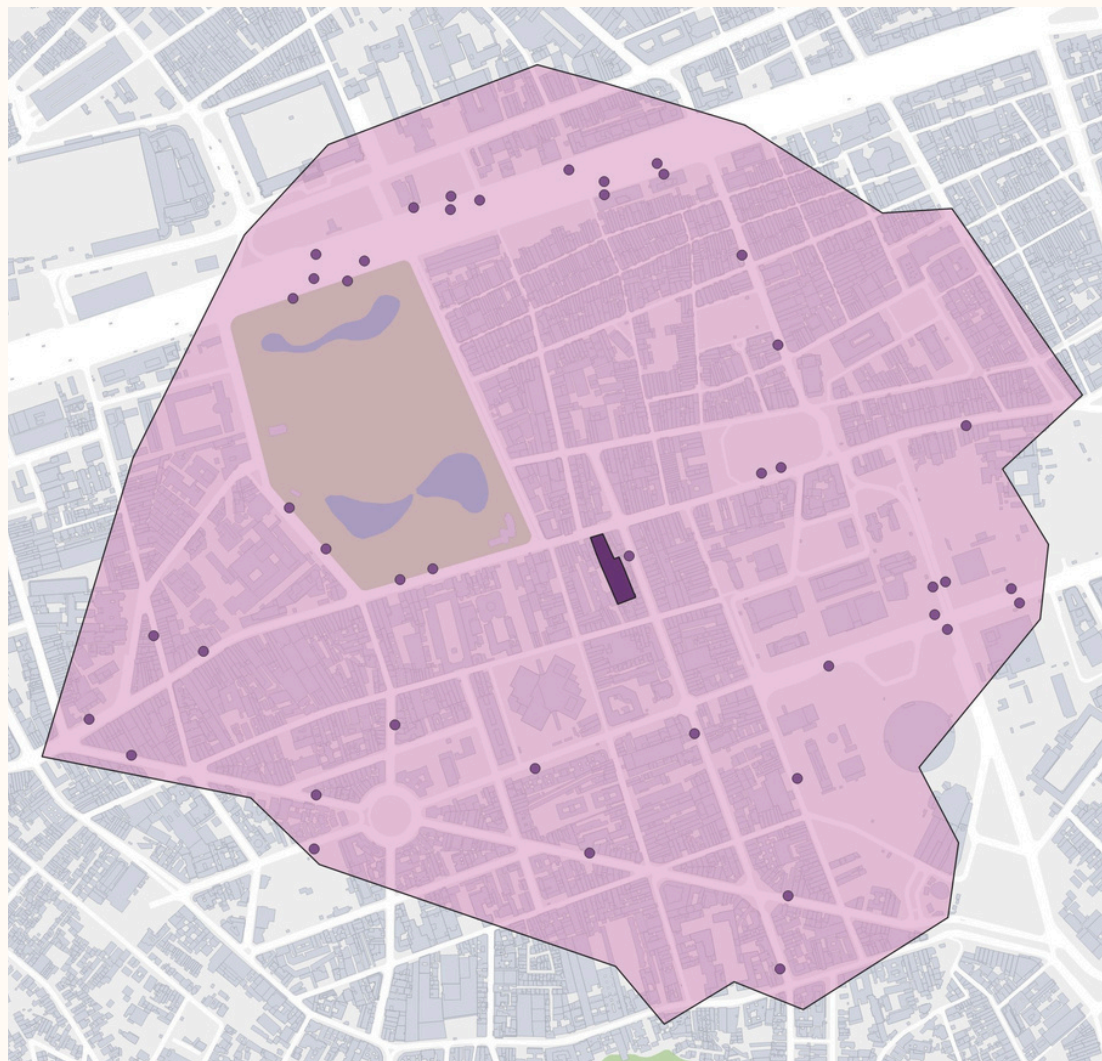
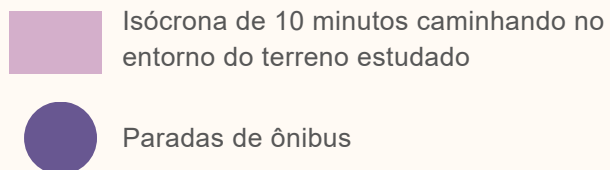
Estudo do entorno

Para compreender a inserção do terreno na malha urbana da cidade, foi mapeado, primeiramente, todos os bairros do Rio de Janeiro que conseguem se conectar ao Centro através de apenas um meio de transporte. Essa análise parte do entendimento de que a acessibilidade não deve ser pensada apenas a partir do entorno imediato do terreno, mas também a partir de toda a cidade, considerando que as mulheres atendidas podem vir de diferentes regiões. O Centro é uma área central do Rio de Janeiro e, por isso, de fácil acesso em sua grande maioria, oferecendo tanto linhas de ônibus quanto estações de metrô que conectam praticamente todas as zonas da cidade. O terreno, especificamente, está localizado a apenas 10 minutos a pé da Central do Brasil, um dos principais terminais de transporte público da cidade e ponto de convergência de diversas linhas metropolitanas.



Estudo do entorno

Em uma escala mais próxima, foi elaborado um mapa que indica as paradas de ônibus localizadas dentro da isócrona de 10 minutos a pé a partir do terreno, destacado em roxo escuro. Esse levantamento contribui diretamente para a segurança das mulheres atendidas, ao demonstrar que há diversas opções de chegar das paradas até o abrigo e do abrigo até as paradas de forma rápida e segura. Mais do que uma questão de conveniência, essa proximidade representa uma camada adicional de proteção: em caso de necessidade, as mulheres têm acesso facilitado a diferentes meios de transporte próximos ao local e a possibilidade de se deslocar com rapidez caso seja necessário.



Estudo do entorno

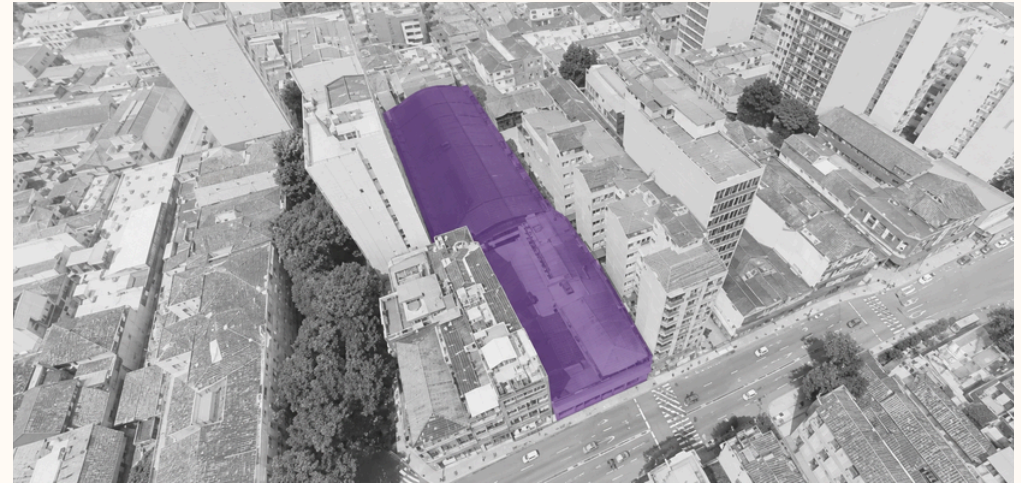
O entorno imediato também foi analisado a partir do uso do solo, permitindo identificar a presença de comércios, serviços, espaços corporativos e áreas de lazer que compõem a dinâmica diária da região. Essa leitura é fundamental para entender como diferentes usos influenciam a vitalidade urbana ao longo do dia, e como a presença ou ausência de atividades nas ruas ao redor do terreno impacta diretamente a percepção de segurança das mulheres que circulam pelo bairro.



Aproximação do terreno

Com 2.718 m² de área total, testada de 12 m e gabarito de 12,50 m, o lote apresenta dimensões generosas para o programa proposto. O entorno imediato é marcado por uma heterogeneidade de usos e escalas típica do Centro histórico do Rio de Janeiro: edificações de uso misto, galpões, armazéns, prédios corporativos e instituições públicas convivem lado a lado, criando uma paisagem urbana densa e diversa. Fachadas ativas e fachadas cegas se alternam ao longo do percurso, gerando trechos com maior ou menor vitalidade urbana ao longo do dia.

Inserido nesse contexto historicamente rico e em constante transformação, o projeto tem o desafio e a oportunidade de propor uma edificação que dialogue com o tecido existente e introduza uma nova camada de significado social no coração da cidade.



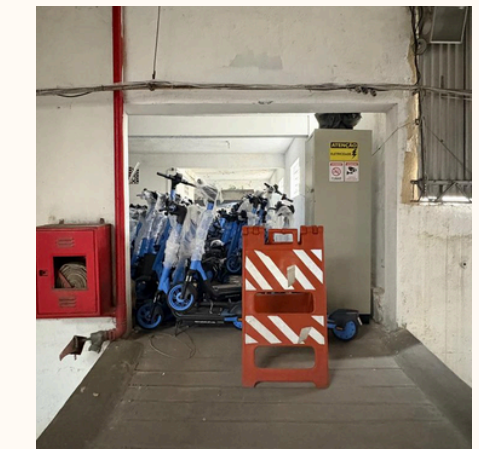
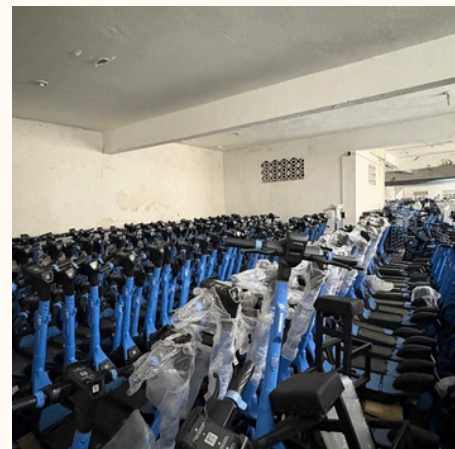
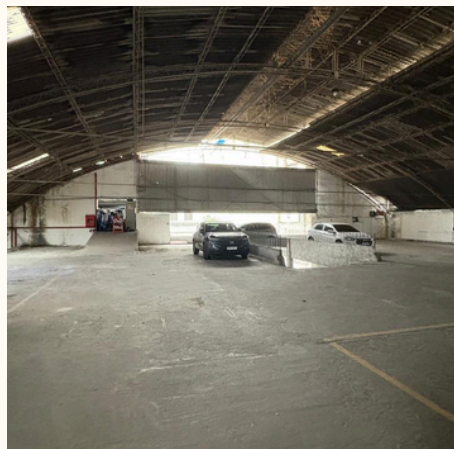
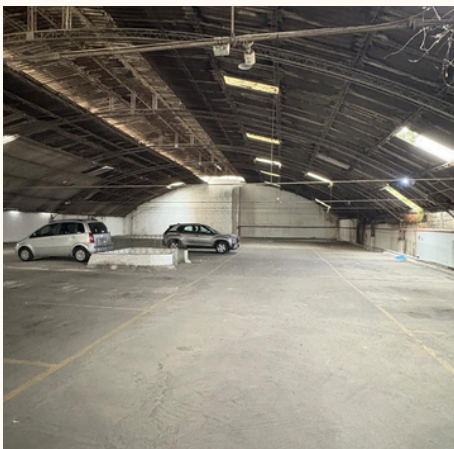
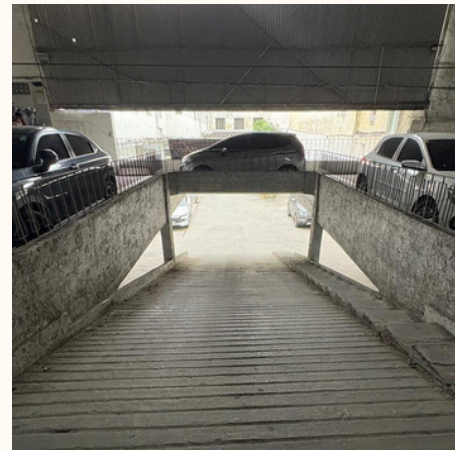
Fachada frontal do atual estacionamento





Aproximação do terreno

O terreno foi visitado em diferentes dias da semana e horários, permitindo observar as variações de fluxo, movimento e atmosfera do local ao longo do dia. Durante as visitas, foi possível circular pelo estacionamento, registrar fotograficamente o espaço, suas dimensões, limites e relação com o entorno imediato, além de conversar com pessoas presentes no local.



Aproximação do terreno

A área ao redor do terreno apresenta uma variação de gabaritos característica do Centro histórico do Rio de Janeiro. À direita do lote, dois edifícios de maior porte, com aproximadamente 9 a 12 andares, destacam-se na paisagem, mas não comprometem significativamente a incidência solar nem a ventilação, já que as demais edificações próximas e em frente são predominantemente baixas. À esquerda, três sobrados de dois pavimentos reforçam essa escala mais contida, também presente do outro lado da rua, onde sobrados e uma praça compõem um conjunto de até quatro andares.

De modo geral, a área mantém um gabarito relativamente homogêneo e baixo, favorecendo a entrada de luz natural e a circulação de ar no terreno. A presença da praça em frente contribui ainda para a abertura visual e para a sensação de leveza e respiro urbano no entorno direto do lote.

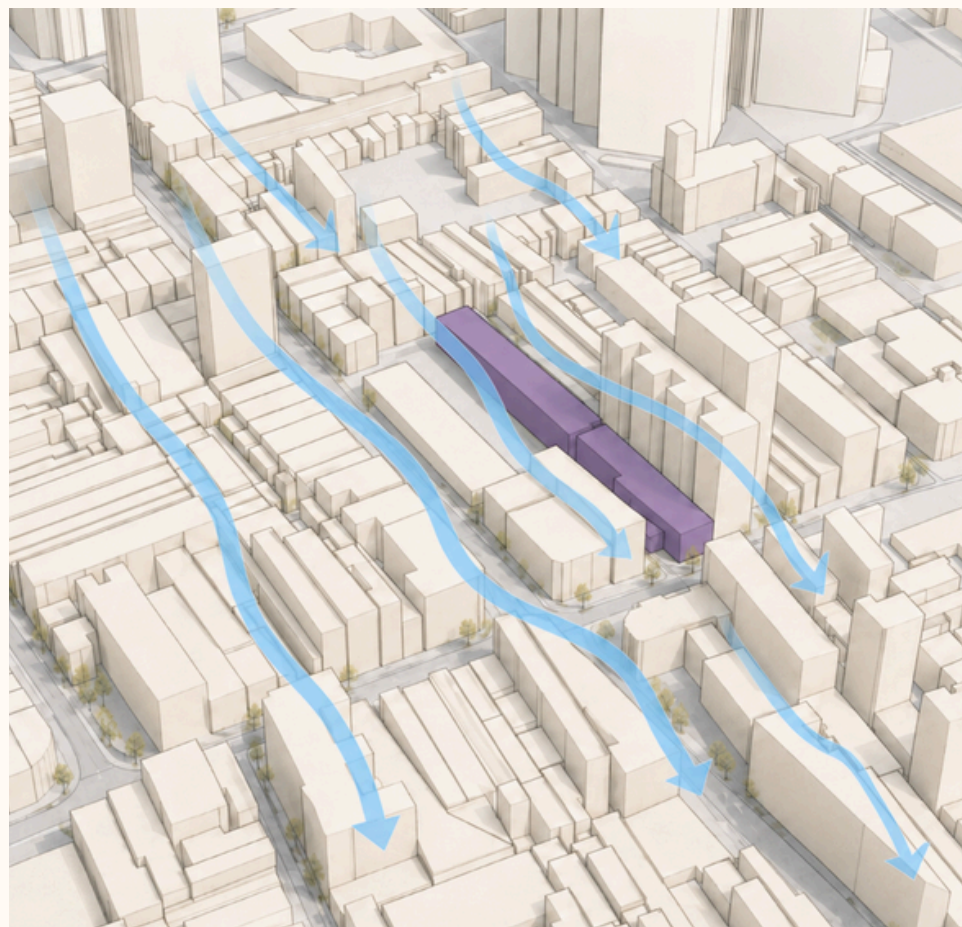


Aproximação do terreno

O terreno apresenta boas condições de ventilação e iluminação natural. A presença predominante de edificações baixas no entorno imediato, com gabaritos que raramente ultrapassam quatro andares, garante ampla entrada de luz solar ao longo do dia. Os dois edifícios de maior porte localizados à direita do lote, com aproximadamente 9 a 12 andares, não comprometem de forma significativa essas condições, dado que estão posicionados de forma a não bloquear as principais orientações solares do terreno.

A ventilação também é favorecida pela proximidade com a praça localizada em frente ao terreno, que por ser um espaço aberto e sem edificações, contribui para a circulação de ar e para a redução do efeito de abafamento típico de áreas muito adensadas. Esse conjunto de fatores, gabarito controlado, presença de espaços abertos e terrenos sem construção no entorno imediato, cria condições ambientais favoráveis para o desenvolvimento de um projeto que priorize o conforto térmico e a qualidade dos espaços internos e externos.

Diagrama de ventilação conforme predominância dos ventos da região



Fonte: Windfinder. Ventos e previsão do tempo: Centro, Rio de Janeiro.
Disponível em: <https://www.windfinder.com/#16/-22.9077/-43.1832/spot>. Acesso em: 10/06/2026

Diagrama solar: estudo de incidência de 10:00hrs

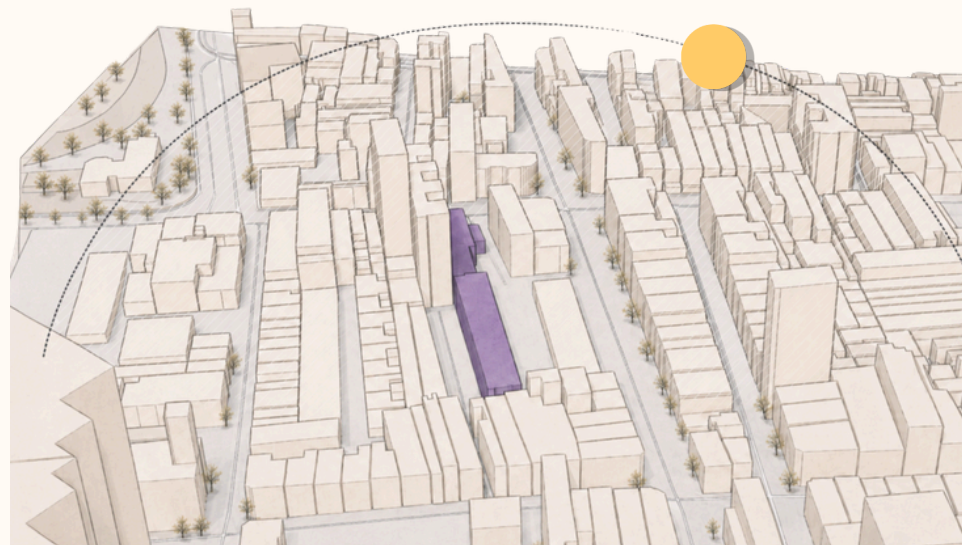
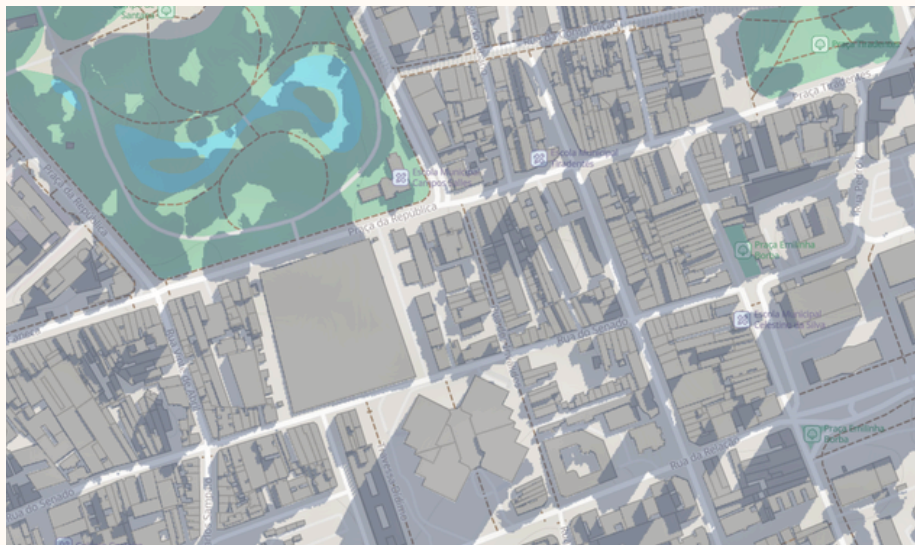
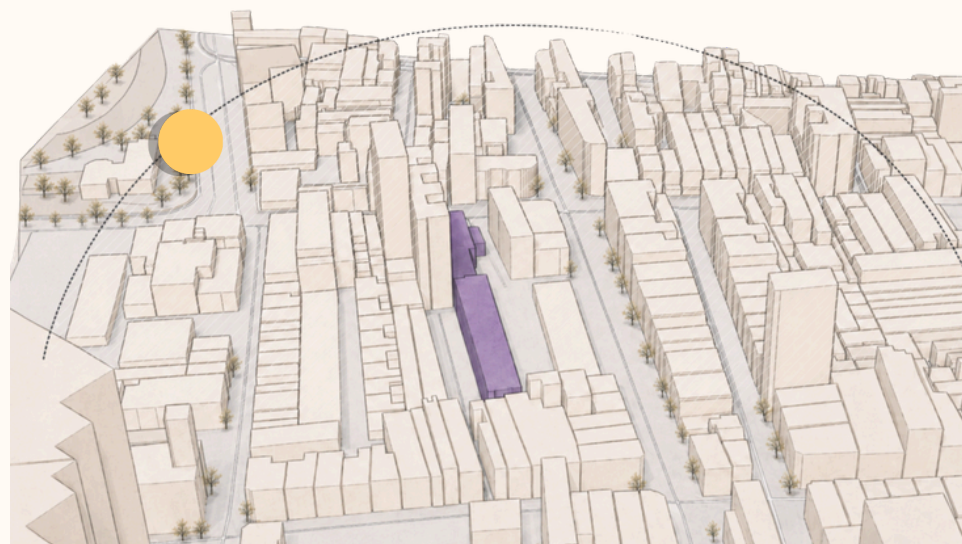
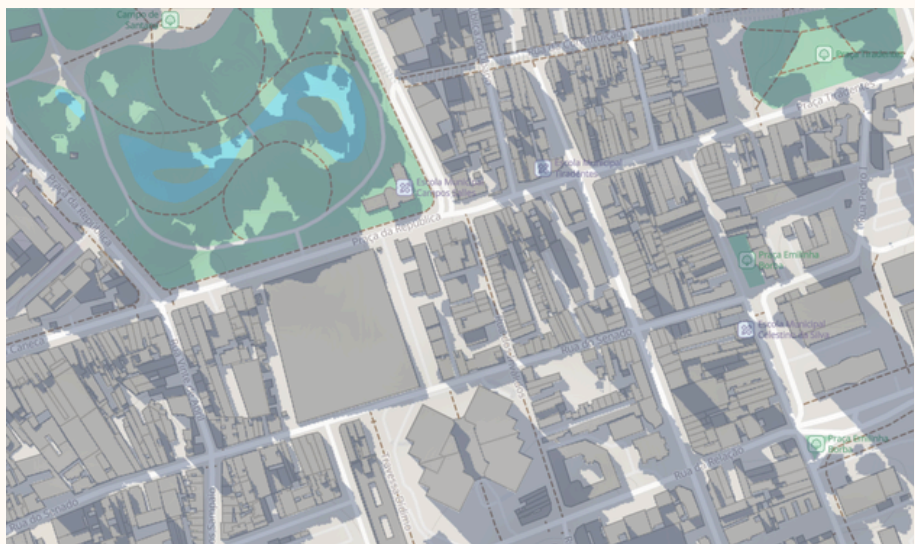
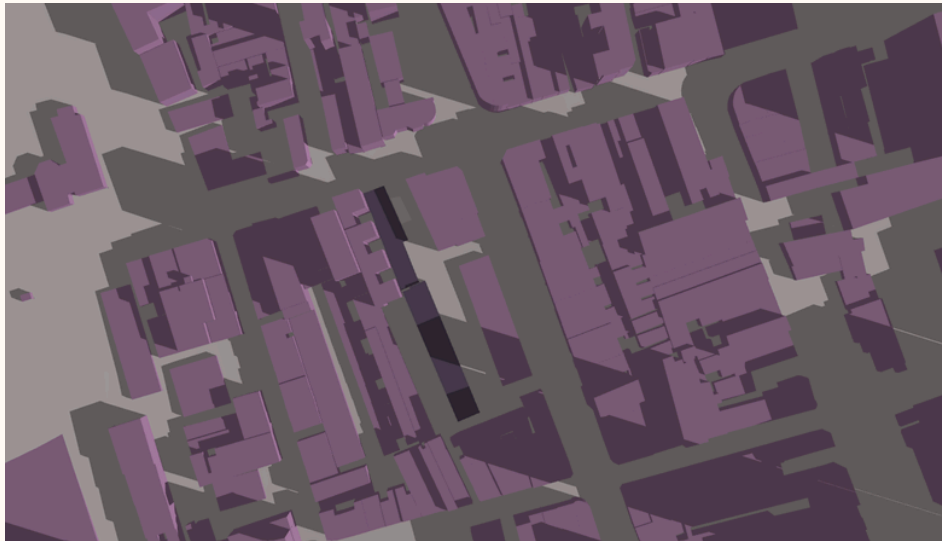


Diagrama solar: estudo de incidência de 16:00hrs



Solstício de Verão



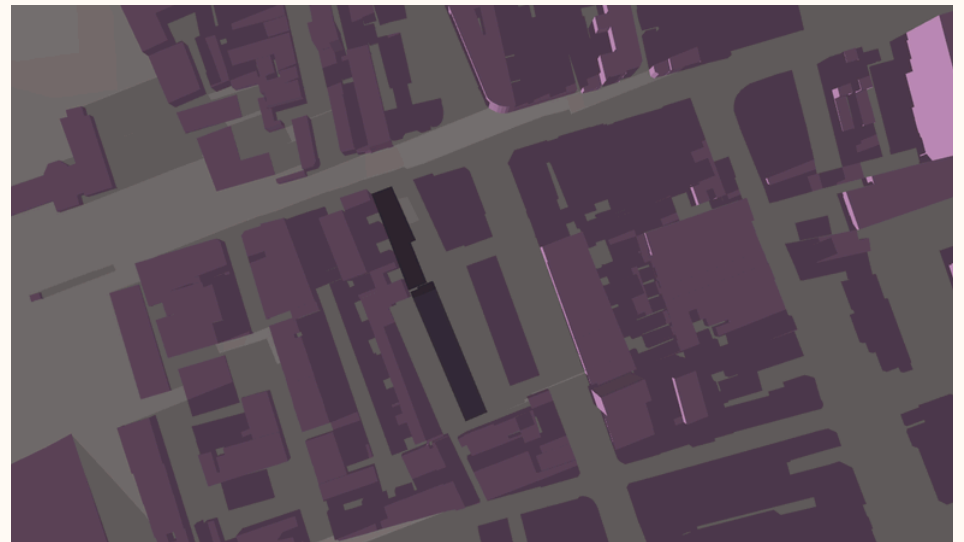
07:00h



10:00h

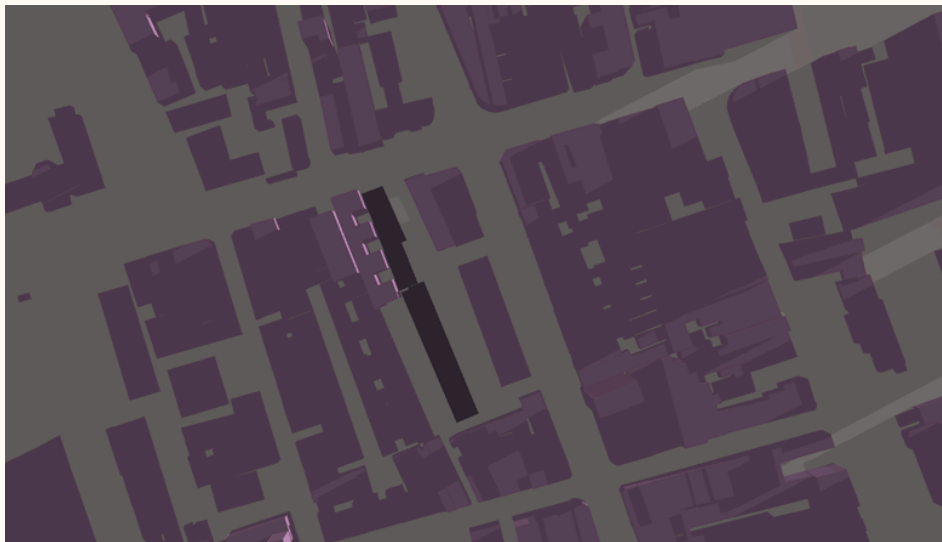


15:00h

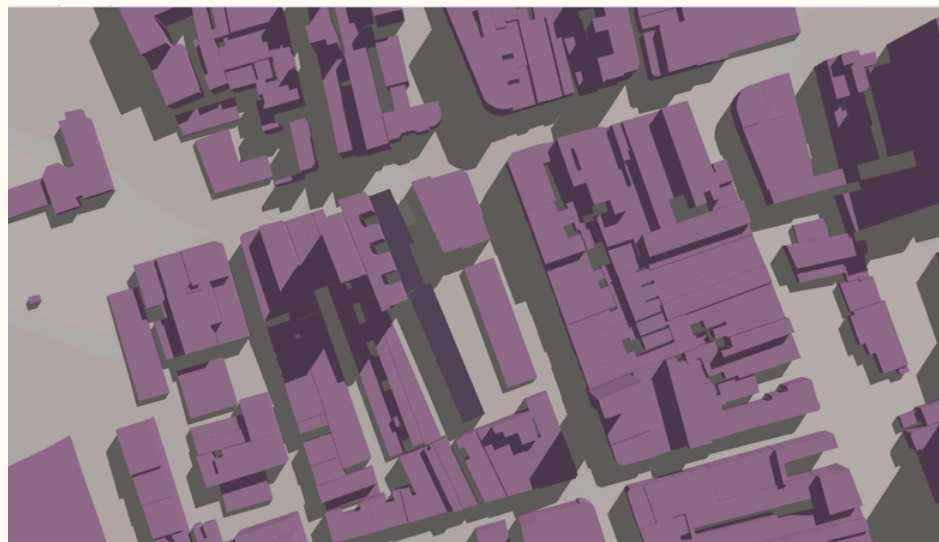


18:00h

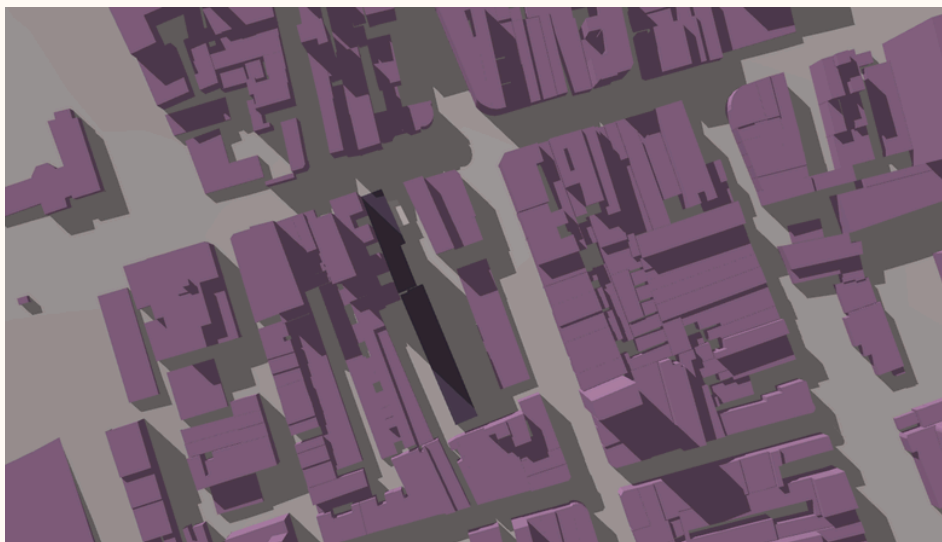
Solstício de Inverno



07:00h



10:00h



15:00h



18:00h

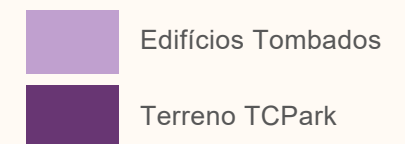
Aproximação do terreno



Aproximação do terreno



Mapa Tombamentos
Estudo de edificações
tombadas no entorno
do terreno

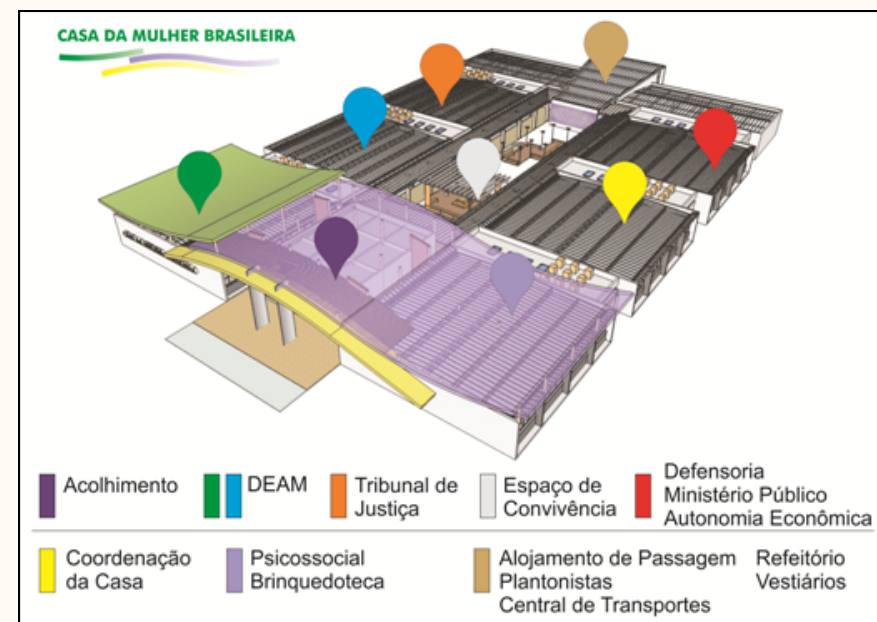


Referências Projetuais

Casa da Mulher Brasileira

Criada em 2023, pelo governo federal, como parte do programa Mulher Viver sem Violência, a Casa da Mulher Brasileira não é um abrigo no sentido tradicional, ela não oferece moradia permanente ou prolongada.

Ela é o principal equipamento público do governo federal brasileiro voltado a mulheres em situação de violência. A ideia central é que em vez da mulher ter que buscar de cada serviço individualmente (delegacia, atendimento psicólogo ou jurídico), tudo fica concentrado em um único prédio. A mulher pode chegar e já ter acesso à delegacia especializada, à defensoria, ao juizado, ao atendimento psicológico e social, e até a um espaço para os filhos enquanto é atendida.



Casa da Mulher Brasileira

Segundo o Ministério das Mulheres, toda unidade deve obrigatoriamente reunir dez serviços: delegacia especializada de atendimento à mulher, ronda ou patrulha especializada para casos de maior risco, juizado especializado de violência doméstica, promotoria pública especializada, defensoria pública especializada, atendimento psicossocial, alojamento de passagem, brinquedoteca, orientação para programas de autonomia econômica e central de transportes integrada à rede de atendimento. Esse conjunto de serviços, reunido em um único espaço físico, busca eliminar a necessidade de deslocamento entre diferentes instituições, etapa que historicamente prolonga e dificulta o processo de busca por proteção.

Fontes:
Ministério das Mulheres. Diretrizes para Construção e Equipagem: Casa da Mulher Brasileira e Centros de Referência da Mulher Brasileira. Brasília: MM, 2025.

Ministério das Mulheres. Painel de Monitoramento — Casa da Mulher Brasileira. Brasília: MM, 2025.

Quantidade de CMB por fase



Casa da Mulher Brasileira

O programa também prevê um segundo modelo de equipamento, de menor porte: o Centro de Referência da Mulher Brasileira (CRMB). Diferente da Casa, que concentra serviços de justiça e segurança pública, o Centro de Referência funciona como um espaço de acolhimento e atendimento psicológico, social e jurídico, voltado ao fortalecimento da autonomia da mulher e ao encaminhamento dela para a rede de proteção, sem abrigar fisicamente as estruturas judiciais e policiais.

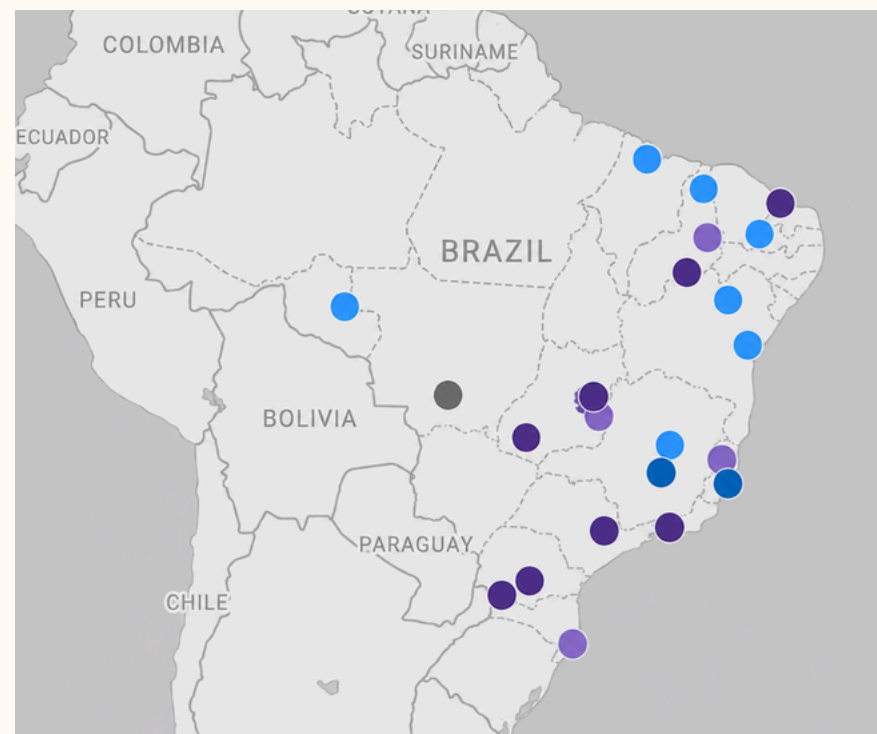
A primeira Casa da Mulher Brasileira do estado do Rio de Janeiro, prevista para São Cristóvão, na capital, ainda está com a licitação de obra autorizada, sem data de conclusão definida. Além dela, o estado deve receber uma segunda unidade em Volta Redonda.

Fontes:

Ministério das Mulheres. Diretrizes para Construção e Equipagem: Casa da Mulher Brasileira e Centros de Referência da Mulher Brasileira. Brasília: MM, 2025.

Ministério das Mulheres. Painel de Monitoramento — Casa da Mulher Brasileira. Brasília: MM, 2025.

Quantidade de **CRMB** por fase



	Em funcionamento	14
	Obra em execução	5
	Licitação da obra autorizada ou publicada	2
	Projeto de engenharia em elaboração	7
	Obra temporariamente paralisada	1

Projetos analisados

Nome: The Ada and Tamar House — Abrigo para Vítimas de Violência Doméstica

Escritório: Amos Goldreich Architecture + Jacobs Yaniv Architects

Localização: Tel Aviv, Israel

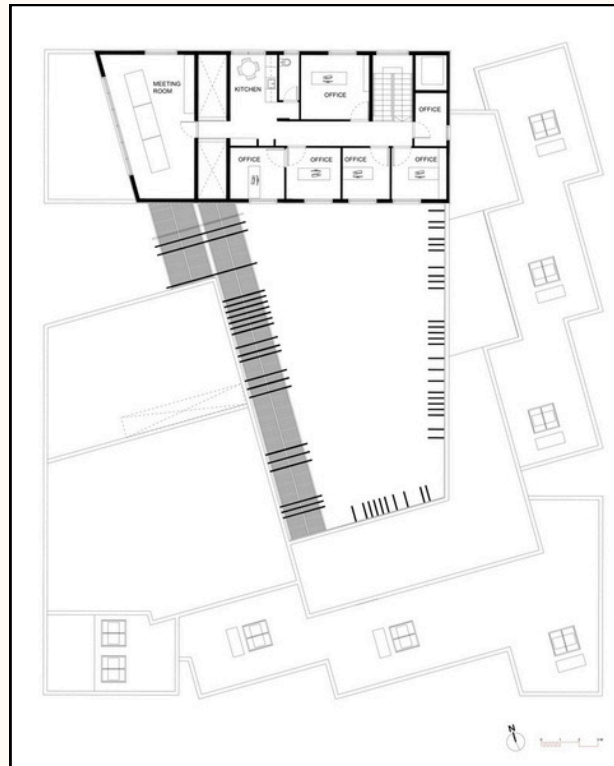
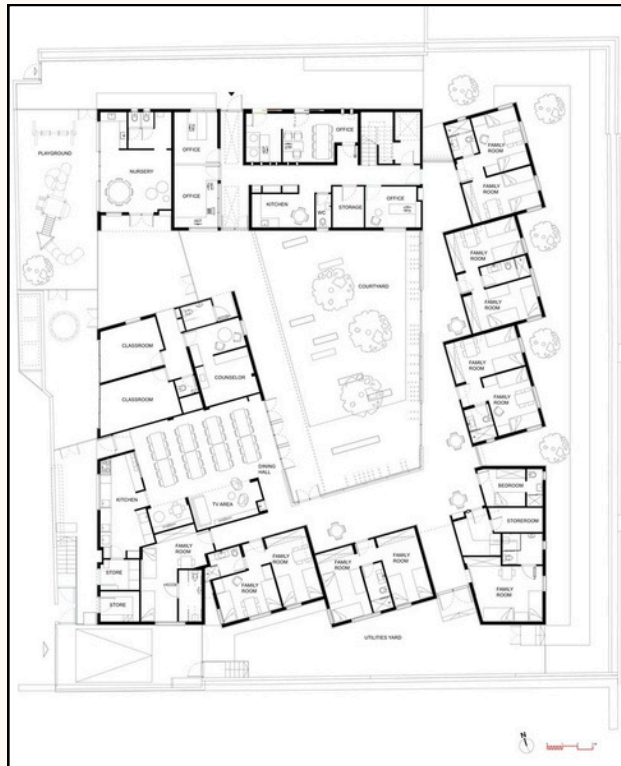
Ano: 2018

Área: 1.600 m²



Projetos analisados

O projeto se destaca pela sua relação com o entorno: inserido em um bairro residencial, o edifício foi concebido para se integrar discretamente à paisagem urbana, sem se destacar das edificações vizinhas. Internamente, um jardim central funciona como coração do abrigo, oferecendo às moradoras um espaço de respiro, convivência e recuperação.



Projetos analisados

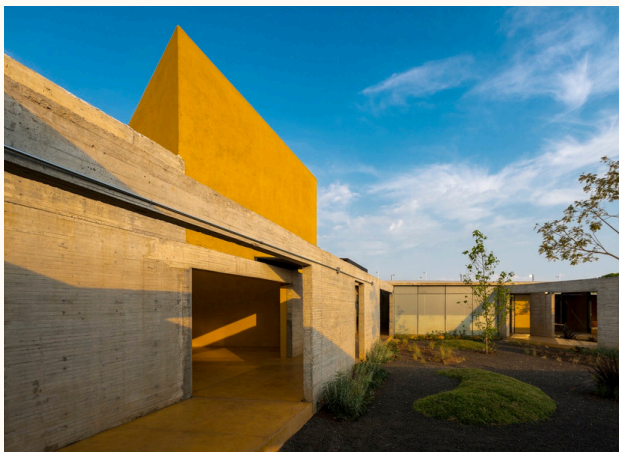
Nome: Refugio para Mujeres Víctimas de la Violencia

Escritório: ORIGEN 19°41' 53" N

Localização: Uruapan, Michoacán, México

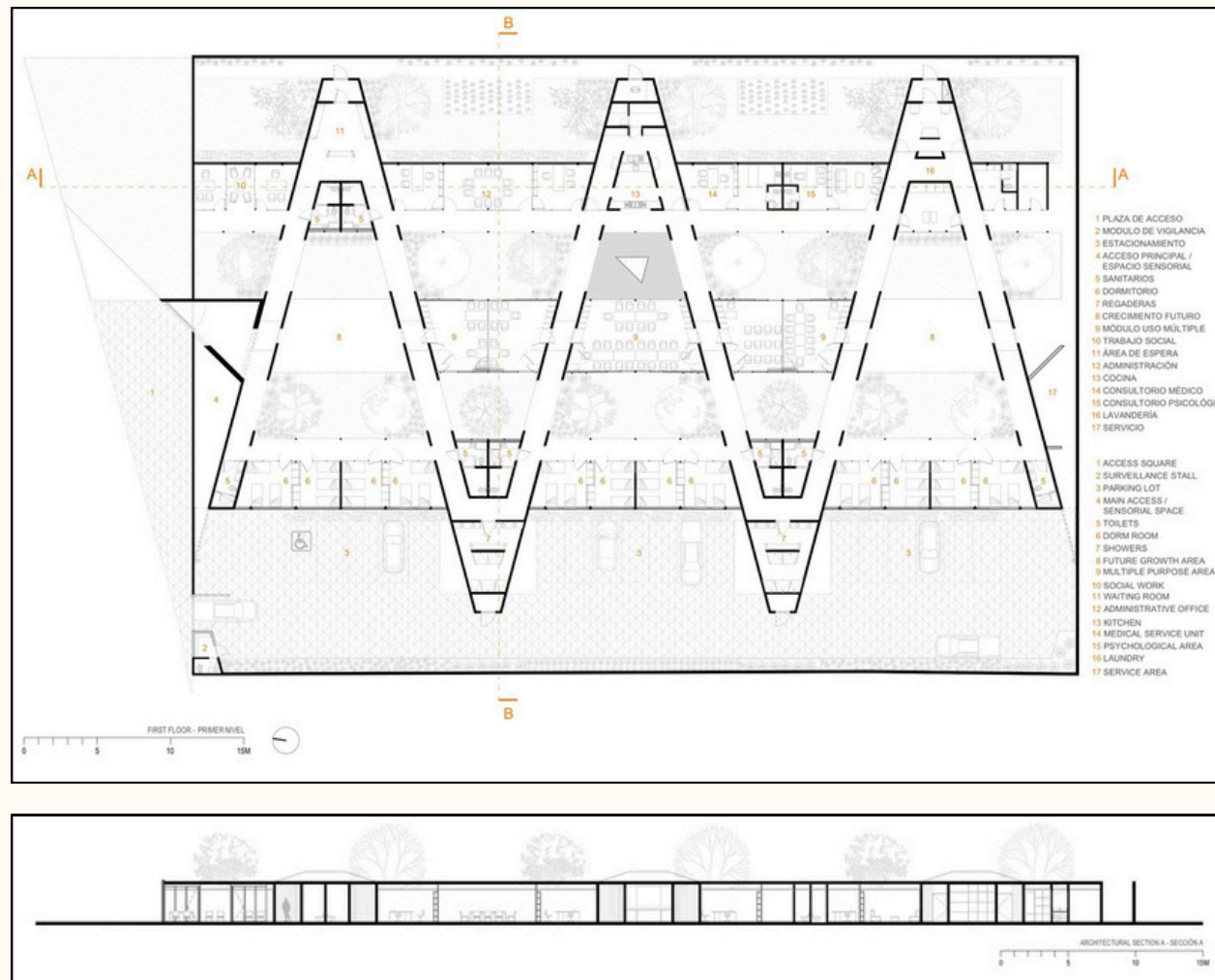
Ano: 2017

Área: 1.226,64 m²



Projetos analisados

O projeto está inserido em um contexto urbano mexicano e foi concebido em concreto, priorizando a criação de um espaço seguro e acolhedor para mulheres vítimas de violência. Sua implantação e volumetria buscam equilibrar proteção e integração com o entorno, sem se impor visualmente na paisagem urbana.



O Lar que Propomos

Princípios Projetuais

Permanência aberta

Diferente do modelo tradicional de casa-abrigo, marcado pela temporariedade e pelos prazos rígidos de estadia, este projeto propõe um modelo de permanência aberta, no qual a mulher pode permanecer pelo tempo que for necessário para reconstruir sua vida. Essa decisão reconhece que processos de recuperação, autonomia financeira e reorganização familiar não seguem um cronograma fixo, e que impor um prazo pode comprometer justamente o objetivo do acolhimento.

Autonomia no cotidiano

As mulheres atendidas podem sair durante o dia para trabalhar, enquanto seus filhos podem frequentar a escola normalmente, retornando ao abrigo sem restrições. Essa autonomia de ir e vir é central ao projeto, que entende a reconstrução da vida cotidiana como parte do processo de recuperação. A proposta dialoga com críticas ao modelo tradicional de casas-abrigo sigilosas e temporárias, nas quais o isolamento pode dificultar a reinserção social e produtiva das mulheres. Ao mesmo tempo, reconhece-se a importância de uma rotina estruturada, frequentemente percebida pelas usuárias como um apoio para romper com o isolamento anterior e preparar a retomada da vida fora do abrigo.

Fachada visível

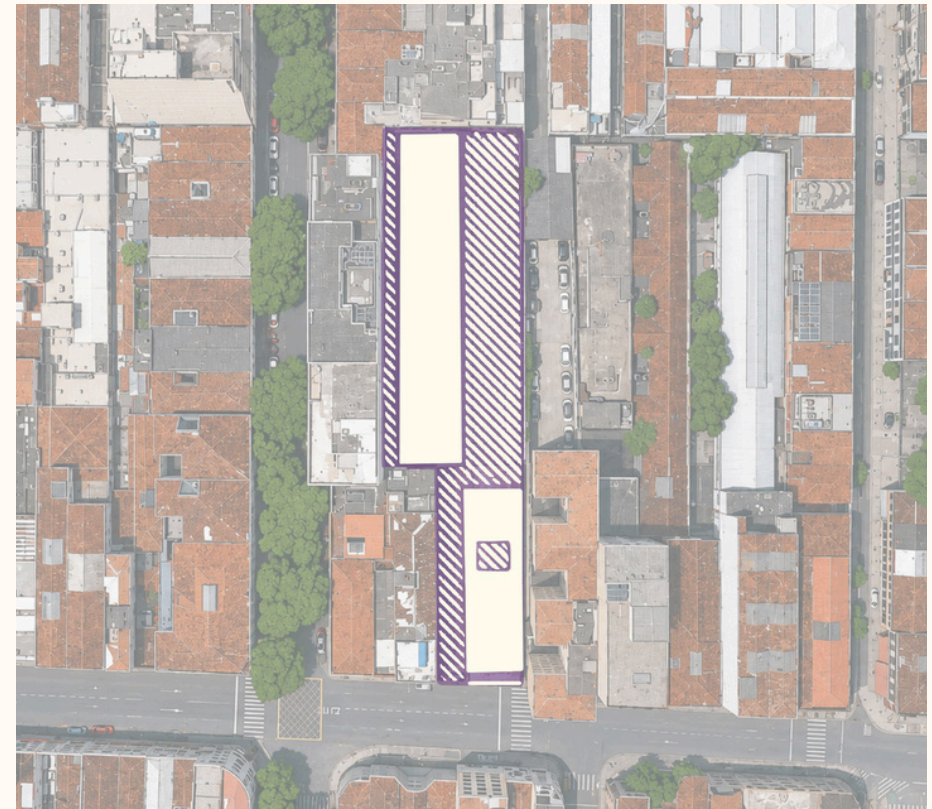
O projeto rompe com a lógica do sigilo total, propondo uma fachada presente e reconhecível na cidade, sem, no entanto, comprometer a segurança das moradoras. A visibilidade aqui não significa exposição ou vulnerabilidade, mas a afirmação de que o cuidado com a mulher não precisa se esconder para existir, e de que a presença do abrigo na paisagem urbana é, em si, um gesto político.

Programa

O projeto é organizado em dois edifícios articulados, com funções e graus de acesso distintos. O primeiro, voltado para a rua, concentra a recepção, a administração, o controle de acesso, o atendimento jurídico e o acolhimento inicial das mulheres, além de uma área infantil para aquelas que chegam acompanhadas de seus filhos.

O segundo edifício, implantado mais ao fundo do terreno, reúne as funções residenciais e de convivência. No térreo, estão a cozinha, a sala de estar, o espaço de terapia e rodas de conversa e o consultório médico, utilizado por profissionais em rodízio, como ginecologista e clínico geral. Nos pavimentos superiores, localizam-se os dormitórios das moradoras, todos com banheiro próprio.

A área externa, entre os edifícios, propõe espaços de bem-estar, esporte, yoga e meditação, reforçando o cuidado e a reconstrução das moradoras como parte essencial do projeto.



Área construída

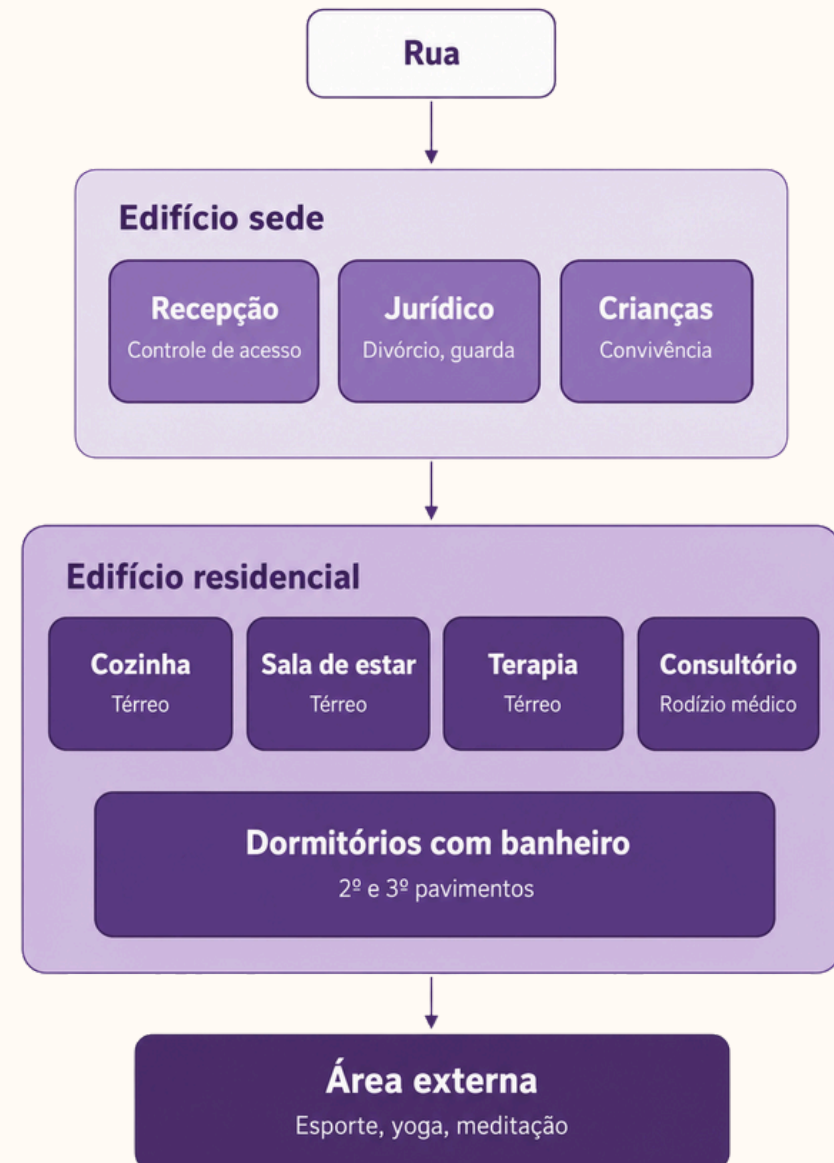


Área não construída (ar livre)

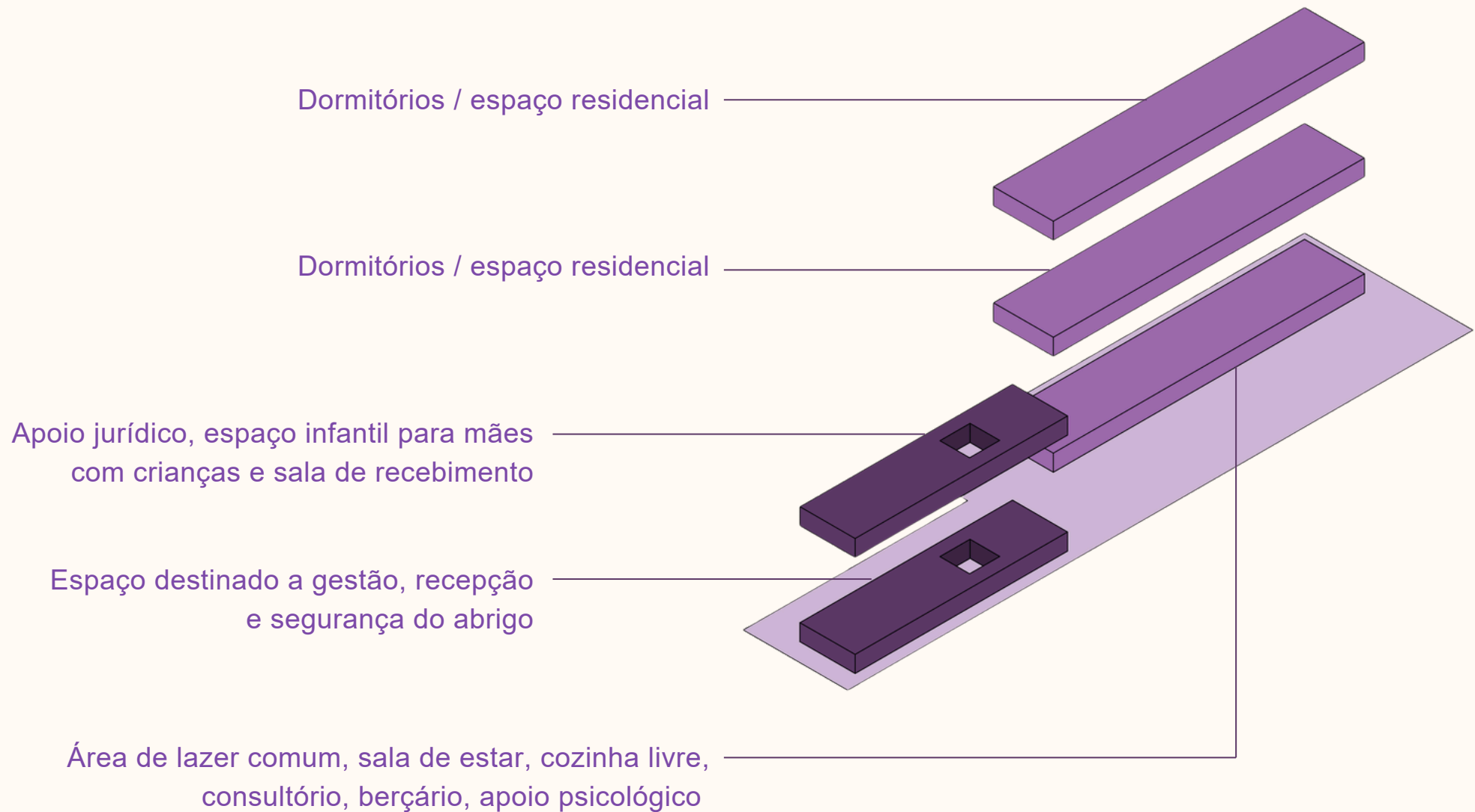
Programa

Mais do que uma divisão funcional, a organização espacial reflete uma lógica de transição entre o público e o privado. O edifício voltado para a rua funciona como um filtro de chegada: é nele que a mulher tem o primeiro contato com o abrigo, sendo recebida e orientada antes de avançar para os espaços mais internos. Essa separação permite controlar o acesso de pessoas externas sem que esse controle precise se estender a toda a edificação, preservando a privacidade das moradoras.

Já o edifício residencial aprofunda essa gradação: a convivência acontece no térreo, mais aberta e coletiva, enquanto os dormitórios, nos pavimentos superiores, garantem o recolhimento e a individualidade de cada moradora à medida que se avança verticalmente. A área externa encerra esse percurso, reforçando que o processo de acolhimento não se limita aos espaços fechados, mas também depende do contato com o ar livre e com a própria cidade.



Programa



Programa



Cronograma de Projeto

- Visita ao terreno e entorno
- Revisar programa e fluxos
- Definir volumetria inicial
- Finalizar implantação

JULHO

- Definição da implantação
- Estudos de volumetria e ocupação do terreno
- Desenvolvimento diagramas técnicos
- Revisão da relação abrigo e entorno

AGOSTO

- Plantas preliminares
- Ajustes de setorização interna
- Estudos de cortes e fachadas
- Acessos, circulação e controle de entrada

SETEMBRO

OUTUBRO

- Consolidação das plantas, cortes e fachadas
- Linguagem arquitetônica e materialidade
- Modelagem volumétrica e estudos de apresentação
- Seleção de imagens, diagramas e sínteses

NOVEMBRO

- Finalização do projeto
- Montagem das pranchas
- Revisão final textos e desenhos
- Ensaaios da apresentação e ajustes de narrativa

Referências Bibliográficas

AMOS GOLDREICH ARCHITECTURE; JACOBS YANIV ARCHITECTS. Abrigo para Vítimas de Violência Doméstica. ArchDaily Brasil, 8 jun. 2018. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/895789/abrigo-para-vitimas-de-violencia-domestica-amos-goldreich-architecture-plus-jacobs-yaniv-architects>.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher: Brasil registra quatro casos de feminicídio por dia. 10 mar. 2026. Disponível em: <https://www.alerj.rj.gov.br/Visualizar/Noticia/83092>.

BERTH, Joice. Se a cidade fosse nossa. São Paulo: Sirius, 2021.

BORGHI, Heloisa. Violência doméstica soma 71 mil novos casos no estado em 2025. Rádio Roquette-Pinto, 2026. Disponível em: <https://www.rj.gov.br/radioroquettepinto/node/13791>.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. MJSP lança site com dados sobre a jornada das vítimas de feminicídio em 2025. 31 mar. 2026. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/mjsp-lanca-site-com-dados-sobre-a-jornada-das-vitimas-de-feminicidio-em-2025>.

BRASIL. Ministério das Mulheres. Casa da Mulher Brasileira. Disponível em: <https://www.gov.br/mulheres/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/casa-da-mulher-brasileira>.

BRASIL. Ministério das Mulheres. Diretrizes para construção e equipagem: Casa da Mulher Brasileira e Centros de Referência da Mulher Brasileira. Brasília: Secretaria Executiva, Coordenação-Geral de Infraestrutura para Políticas Públicas, jul. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mulheres/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/casa-da-mulher-brasileira/DIRETRIZESPARACONSTRUOEEQUIPAGEM.pdf/@@display-file/file>.

BRASIL. Ministério das Mulheres. Ligue 180 – Central de Atendimento à Mulher. Disponível em: <https://www.gov.br/mulheres/pt-br/ligue180>.

BRASIL. Ministério das Mulheres. Painel de monitoramento: Casa da Mulher Brasileira. Disponível em: <https://www.gov.br/mulheres/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/casa-da-mulher-brasileira/paineldemonitoramento>.

CARLOTO, Cássia Maria; CALÃO, Vanusa Ferreira. A importância e o significado da casa abrigo para mulheres em situação de violência conjugal. *Emancipação*, Ponta Grossa, v. 6, n. 1, p. 205-226, 2006.

CENTRO DE REFERÊNCIA DE ATENDIMENTO À MULHER DE MACHADO (CRAM Machado). Disponível em: <https://www.crammachado.org>.

CIM MULHER. Disponível em: <https://cimmulher.org.br>.

CORRÊA, Douglas. Mais de 71 mil mulheres foram vítimas de violência no RJ em 2025. Agência Brasil, 30 dez. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-12/mais-de-71-mil-mulheres-foram-vitimas-de-violencia-no-rj-em-2025>.

DATASENADO; OBSERVATÓRIO DA MULHER CONTRA A VIOLÊNCIA (OMV). Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher – DataSenado 2025. 11. ed. Brasília: Senado Federal, 2025. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasetenado/materias/pesquisas/pesquisa-nacional-de-violencia-contra-a-mulher-datasetenado-2025>.

DAVIS, Angela. Mulheres, cultura e política. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado da Mulher. Casa Abrigo. Disponível em: <https://www.mulher.df.gov.br/casa-abrigo>.

EVARISTO, Conceição. Entrevista. Mulheres que Escrevem, Medium, dez. 2017.

FERNANDES, Maria da Penha Maia. Citação atribuída — frase associada à promulgação da Lei 11.340/2006 (Lei Maria da Penha).

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Dossiê Mulher. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/iniciativas/dossie-mulher/>.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA; INSTITUTO DATAFOLHA. Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil. 4. ed. São Paulo: FBSP, 2023.

MAPA DO ACOLHIMENTO. Casas abrigo. Disponível em: <https://www.mapadoacolhimento.org/casas-abrigo/>.

MAPA DO ACOLHIMENTO. Mapa dos serviços públicos. Disponível em: <https://www.mapadoacolhimento.org/servicos-publicos/>.

MEDIDAS protetivas para mulheres explodem na Justiça brasileira. Rádio Pampa, 2026. Disponível em: <https://www.radiopampa.com.br/medidas-protetivas-para-mulheres-explodem-na-justica-brasileira/>.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (MPRJ). Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Violência Doméstica contra a Mulher. Boletim CAO Violência Doméstica nº 01/2016: violência doméstica, uma cultura intolerável. Rio de Janeiro, 14 abr. 2016. Disponível em: https://assets-compromissoeatitude-ipg.sfo2.digitaloceanspaces.com/2016/04/boletim-mprj-2016_violencia_domestica.pdf.

MOREIRA, Susanna. Dia Internacional da Mulher: 13 projetos de arquitetura dedicados ao acolhimento, tratamento e encontro. ArchDaily Brasil, 8 mar. 2023. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/945265/acolhimento-tratamento-e-encontro-10-projetos-de-arquitetura-pensados-para-mulheres>.

MULHERES recorreram à Justiça em busca de proteção no RJ. G1 Rio de Janeiro, 8 mar. 2026. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2026/03/08/mulheres-recorreram-a-justica-em-busca-de-protecao-no-rj.ghtml>.

O RECOMEÇO longe de casa: conheça histórias de mulheres que sobreviveram a tentativas de feminicídio no Rio. Tribuna do Sertão, 24 dez. 2025. Disponível em: <https://www.tribunadosertao.com.br/rj-em-foco/2025/12/24/836171-o-recomeco-longe-de-casa-conheca-historias-de-mulheres-que-sobreviveram-a-tentativas-de-feminicidio-no-rio>.

PRADA, Cynthia Granja; WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj. O abrigo: análise de relatos de crianças vítimas de violência doméstica que vivem em instituições. Revista de Psicologia da UNESP, v. 5, n. 1, p. 1-12, 2006.

REDES DA MARÉ. Casa das Mulheres da Maré. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/br/info/36/casa-das-mulheres-da-mare>.

RIO DE JANEIRO (Estado). EMOP – Empresa de Obras Públicas do Estado do Rio de Janeiro. Governo do Estado dará início às obras da primeira Casa da Mulher Brasileira no Rio. 4 ago. 2025. Disponível em: <https://www.rj.gov.br/emop/unidades-da-casa-da-mulher>.

RIO DE JANEIRO (Município). Secretaria de Políticas para as Mulheres e Cuidado. Caderno infográfico: Mapa da Mulher Carioca 2025. Rio de Janeiro: SPM-Rio, 2025/2026. Disponível em: https://mulher.prefeitura.rio/wp-content/uploads/sites/41/2026/03/MMC25_CADERNOINFOGRAFICO-RGB.pdf.

RIO DE JANEIRO (Município). Secretaria de Políticas para as Mulheres e Cuidado. Secretaria lança 5ª edição do Mapa da Mulher Carioca e consolida política pública no Rio orientada por dados. 3 mar. 2026. Disponível em: <https://prefeitura.rio/politicas-promocao-mulher/secretaria-lanca-5a-edicao-do-mapa-da-mulher-carioca-e-consolida-politica-publica-no-rio-orientada-por-dados/>.

RIOSOLIDÁRIO. Casa Abrigo Lar da Mulher. Disponível em: <https://www.riosolidario.org/casa-abrigo-lar-da-mulher/>.

RJ: 47% das ações foram medidas protetivas para mulheres no fim do ano. CGN, 9 jan. 2026. Disponível em: <https://cgn.inf.br/noticia/2015745/rj-47-das-aco-es-foram-medidas-protetivas-para-mulheres-no-fim-do-ano>.

ROZA, Andria da Silva Oliveira. Acolhimento para mulheres vítimas de violência e seus dependentes: uma proposta de casa-abrigo na Baixada Fluminense. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

TRINDADE, Joyce. Onde buscar ajuda para mulheres vítimas de violência no Rio de Janeiro. Disponível em: <https://joycetrindade.com.br/onde-buscar-ajuda-para-mulheres-vitimas-de-violencia-no-rio-de-janeiro/>.

VALPORTO, Oscar. Retrato de um Rio muito desigual onde raça e gênero ampliam disparidades. Projeto Colabora, 15 jul. 2020. Disponível em: <https://projetocolabora.com.br/ods1/mapa-da-desigualdade/>.

Aluna: **Cecília Carlier**
Orientador: **Cândido Campos**



DAU
Departamento de
Arquitetura e Urbanismo